

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

SILVANA DOS SANTOS RODRIGUES

**ESTATÍSTICA NEG(R)A: ONDE EU ESTIVER SEMPRE HAVERÁ UMA
os verbos de ligação desta mulher negra nas artes cênicas em Porto Alegre**

Porto Alegre

2019

SILVANA DOS SANTOS RODRIGUES

**ESTATÍSTICA NEG(R)A: ONDE EU ESTIVER SEMPRE HAVERÁ UMA
os verbos de ligação desta mulher negra nas artes cênicas em Porto Alegre**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como exigência parcial e obrigatória, ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título em Bacharela em Teatro, com habilitação em Direção Teatral.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Henrique Saidel

Porto Alegre

2019

Silvana dos Santos Rodrigues

**ESTATÍSTICA NEG(R)A: ONDE EU ESTIVER SEMPRE HAVERÁ UMA
os verbos de ligação desta mulher negra nas artes cênicas em Porto Alegre**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharela em Teatro.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof. Dr. Henrique Saidel

Prof. Dra. Celina Nunes Alcântara - UFRGS

Silvia Patricia Fagundes - UFRGS

CIP - Catalogação na Publicação

Rodrigues, Silvana dos Santos
ESTATÍSTICA NEG(R)A: ONDE EU ESTIVER SEMPRE HAVERÁ
UMA os verbos de ligação desta mulher negra nas artes
cênicas em Porto Alegre / Silvana dos Santos
Rodrigues. -- 2019.
89 f.
Orientadora: Henrique Saidel.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Teatro: Direção Teatral, Porto
Alegre, BR-RS, 2019.

1. intelectuais negras. 2. formação teatral. 3.
artistas negras. 4. epistemicídio. I. Saidel,
Henrique, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ACALANTOS

Este trabalho é dedicado a todas as mulheres negras que, apesar de não terem se visto, se viram, se imaginaram e se colocaram em lugares que não eram comuns ou esperados para si. Este trabalho é dedicado às mulheres negras que são o alicerce deste país, que são a maioria nos lares a limpar a sujeira que o Brasil tanto produz. Este trabalho é dedicado a menina que hoje foi com o cabelo solto na escola e sentou numa cadeira bem próxima da lousa, porque se ama, porque é boa aluna e porque em 2019 ela já sabe disso. Esse trabalho é dedicado a essa menina para que em 2029 ela se recorde que ela já sabia e que qualquer um que tenha a feito crer outra coisa sobre si mesma está errado, no presente, passado e futuro.

Ele é para minha mãe, artista enrus

tida (como ela se designa), à minha irmã que me leu poesias e deste modo me incentivou a escrevê-las, ao meu pai que me ensinou a importância do trabalho, do comprometimento e mais recentemente do “viver a vida” porque não devemos viver só para trabalhar.

Este trabalho é também para meu companheiro que sonha e realiza tanto comigo.

A todas as amigas e amigos que fiz nestes anos, àquelas que deixei de ver em função desses anos todos. Aos que fiz no caminho e nos desvios, que também são caminho. Nomeadamente à Litiely Tavares, que foi a primeira pessoa a me dizer que o DAD existia e que nele se estudava de graça, algo que hoje contesto e prefiro dizer que é sem mensalidades, pois cursá-la não é de graça, no nosso país para a trabalhadora comum, filha de trabalhadores comuns, é ainda muito caro estudar.

Agradeço a todas que, mesmo sem escolha, pagam seus impostos e a todas que lutam por uma Universidade pública, gratuita, laica, COM POLÍTICAS DE PERMANÊNCIA e CUIDADO aos alunos e alunas que não são as “ideais”, uma universidade plural, diversa, equânime e de qualidade.

Aos meus colegas de trabalho no Pretagô, grupo que criamos para existir conjunta e pluralmente. Nós nos juntamos por uma semelhança para lindamente podermos produzir arte com as nossas diferenças e sermos mais que... rostinhos bonitos.

Aos meus professores e professoras de toda a vida escolar, sobretudo aos que também realizaram as suas lições de casa e trouxeram referências que não eram apenas sobre o falso ser humano universal, em especial ao meu orientador que num dos meses mais difíceis para ser/estar mulher negra no Brasil soube ser escuta e acolhimento.

E por fim, agradeço a todas as pessoas que me enxergam, que nos enxergam com a total singularidade e complexidade que nos é inerente. Não somos um bloco.

Eventualmente somos e fazemos carnaval.

Uma manifestação cultural que no Brasil é genuinamente negra.

sem um forte senso de auto-definição e compartilhamento entre mulheres negras, a academia significa um ambiente de morte.

Patricia Hill Collins

Um povo não descarta seus gênios e se vier a descartá-los é nosso dever, como artistas, acadêmicas e pessoas que dão testemunho ao futuro, recuperá-los para o bem de nossos filhos e filhas, osso por osso se for preciso.

Alice Walker

Se não puder ser livre seja um mistério
Rita Dove

EM POUCAS PALAVRAS

*Existe muita coisa que não te disseram na escola*¹, canta Bia Ferreira enquanto realizo o resumo desta evocação aos pensamentos de intelectuais negras para o entendimento dos caminhos e descaminhos no meu pertencimento e formação no Departamento de Arte Dramática (DAD) na primeira década da implementação das ações afirmativas na UFRGS.

Palavras-chave: intelectuais negras, epistemicídio, formação teatral, protagonismo de mulheres negras.

¹ primeiro verso da canção *cota não é esmola*.

IN A NUTSHELL

Existe muita coisa que não te disseram na escola (there is so much things they didn't tell you in school), sings Bia Ferreira, as I summarize this evocation to the thoughts of black woman intellectuals to understand the paths and misalignments in my belonging and formation at Departament of Dramatic Art (DAD), at the first decade of implementation of affirmative actions at Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Keywords: black woman intellectuals, epistemicide, theatrical formation, black woman protagonist

SUMÁRIO

1. A lguns verbos: com quem escrevo	11
2. C om escrevivências: como escrevo	19
3. A lgumas Deambulações de 2009 a 2019: porque escrevo	23
4. L ongos silêncios: porque parei de escrever	30
5. E lá na favela tem nome de flor: sankofa, volte e pegue	31
6. N enhuma resposta mas um punhado de folhas sagradas: aquilombar-se	41
7. T u me chamas e não me conhece	48
8. A nexos	51
9. R eferências	84

ALGUNS VERBOS

Os verbos de ligação são aqueles que conectam um sujeito a uma característica ou estado a ele atribuído.

ser

estar

permanecer

parecer

tornar-se

continuar

viver.

perman

parecer

tornar-se

continuar

Na frase “ela _____ negra” qual papel não será imaginado e qual será para essa mulher? Para essa atriz?

Por alguma razão que desconheço na exatidão mas que consigo supor após me deparar com os pensamentos das intelectuais que compõem comigo esta escrita, ia iniciar essa apresentação pedindo desculpas, contudo, pensando fortemente sobre o que almejo entregar até o fim dessas páginas reflito que desculpa ou qualquer coisa carregada de culpa é a últim(íssim)a bagagem que gostaria de carregar, então, peço licença.

Peço licença às que vieram antes de mim, que suportaram cargas que eu sequer posso imaginar, peço licença às que vieram e virão depois de mim, que espero que brinquem ainda mais livremente do que eu brinquei. Eu estive entre idas e vindas durante dez anos entendendo na prática, na pele e em todas as partes do meu corpo a necessidade de políticas públicas de permanência a nós, alunos com ingresso a partir de 2008. Estive presente como uma documentarista ao acaso, dessa experiência de ver

a universidade muito lentamente ganhar novas cores e aprender a passos mais lentos ainda que estas novas pessoas são dotadas de saberes e demandas e cursar uma graduação mesmo numa universidade pública e sem mensalidades ainda é um privilégio.

Este trabalho é uma conversa com as intelectuais negras que estão presentes na minha formação como artista e também como cidadã, sendo suporte nos momentos de extrema solidão que espaços, como o acadêmico, onde nossas questões vitais não são vistas como uma perspectiva indispensável para a pauta do dia, salvo iniciativas, não sem luta, de pôr em pé disciplinas eletivas que dêem parcialmente conta da demanda que a invisibilização desta produção e população sofre. Todavia, nem só de solidão vivem as mulheres negras e este trabalho - mais que mergulhar nas dores e cansaço que o esforço de lembrar o que pensadoras negras disseram e estão dizendo - é, de fato, para refletir sobre o que *nós* estamos dizendo, inclusive sobre solidão, dores e sobre cansaço. E digo *nós*, pois apesar de ser uma monografia não me permito crer que a esteja escrevendo só, afinal como preconiza a médica e intelectual negra Jurema Werneck (2000) “nossos passos vêm de longe”, e digo *nós* também me vendo, entendendo e incluindo, através deste exercício de pensamento e afirmação, como uma intelectual² negra, afinal a vida do intelecto é um ato contra-hegemônico (hooks, 2013, p. 10)

Esta tão custosa autodefinição é fruto de muitos encontros com minhas pares, mas principalmente das leituras e antes disso, do acompanhamento via redes sociais ao perfil da prof. Dra. Giovana Xavier, a @pretadotora, que é a idealizadora do grupo de estudos e pesquisas Intelectuais Negras, que se tornou uma disciplina eletiva na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e que nos últimos 5 anos acolheu algumas centenas de estudantes, além de ter organizado o catálogo “Intelectuais Negras Visíveis” onde elenca profissionais negras de diversas áreas do Brasil. Giovana Xavier compartilha nas suas redes sociais alguns planejamentos de aulas, comenta

² Ser intelectual é exercer diariamente rebeldia contra conceitos assentados, tornados respeitáveis, mas falsos. É, também, aceitar, o papel de criador e propagador do desassossego e o papel de produtor de escândalo, se necessário (SANTOS, 1997, p. 18).

falas das autoras que está trabalhando, menciona a bibliografia que será trabalhada no semestre, fala sobre discussões frutíferas que aconteceram em sala de aula, enfim, ela torna esse conhecimento, o conhecimento acadêmico, mais próximo, mais palpável e acessível e tudo isso entre um storie de exercícios físicos, um passeio com o filho, uma compra de flores para enfeitar e perfumar a sua casa. Uma vida acontecendo e produzindo imagens e narrativas comuns, cotidianas mas que surpreendentemente, não são comuns vermos protagonizadas em produtos audiovisuais e cênicos por pessoas negras, a menos que sejam produções majoritariamente negras. Há uma necessidade de *aquilombarmos*, como falarei mais adiante, para existirmos em plenitude.

É necessário produzir uma contra-narrativa sobretudo para quem vive no Sul no Brasil, que não raramente ao encontrar alguém de outra região do país escuta a máxima de que não se imagina que aqui exista uma população negra e indígena, no entanto todo dia aqui gente preta acorda e se levanta para trabalhar, aqui também se dorme em camas, se compra pão, se consome margarina, se lava cabelo, se dirige carros, se estuda, faz pic-nic, comemora a aniversários, reclama de um sapato apertado, tem preguiça de levantar de manhã (mas levanta), aqui também se queima a mão quando toca em algo quente tenha a pele branca, preta ou qualquer variação entre uma e outra. Negociando o óbvio, afirmando o óbvio, documentando o óbvio.

Agora imagine como é não ser imaginada.

Compartilhar vida e conhecimento acadêmico produzido por intelectuais negras torna-se uma tecnologia de sobrevivência à morte física, à morte simbólica e ao *epistemicídio*³, e, por outro lado, é uma ação de encorajamento pois é possível entender o quanto as redes sociais tomaram um lugar importante na nossa vida, uma grande sala onde compartilhamos angústias e articulamos utopias. E se olharmos um pouco para trás, para o lamentável resultado das eleições de 2018, entenderemos que, os espaços virtuais, são também um importante lugar de poder e de disputa de narrativas e que as nossas ferramentas de produção de conhecimento são muitas e voláteis, precisamos estar sempre atentas pois a lógica que ainda impera é a de fazer dobrado para ter metade. Para nós, mulheres negras, as redes sociais possibilitaram a criação de espaços de existência e fala sem interrupções, dado que nela podemos ser curadoras de nós mesmas

[...] o curador é aquele que propõe uma nova lente ao situar tais dispositivos em um espaço-tempo e em uma discussão histórico-social. O termo “curador” deriva do latim *curare*; ele é, portanto, aquele que cura, cuida, zela por alguma coisa. Mas essa ideia encontra suas primeiras implicações no momento em que levamos em consideração as relações de poder investidas à figura do curador e dois conceitos que são inseparáveis quando se problematiza a invisibilidade e/ou criminalização da produção cultural dos negros no Brasil: racismo estrutural e epistemicídio (LIMA, 2018).

A fala da curadora, intelectual negra, Diane Lima, está diretamente ligada a essas articulações das mulheres negras em rede que me referi. Ela foi proferida durante os Diálogos Ausentes, do Itaú Cultural, um ciclo de debates criado após questionamentos do movimento negro e mais precisamente da arquiteta e urbanista,

³ Epistemicídio é a invisibilização e apagamento dos conhecimentos produzidos pelos povos não-brancos. No Brasil a intelectual negra Sueli Carneiro é a maior referência no tema. Em entrevista ao programa Espelho em 2009 ela exemplifica o epistemicídio dizendo que ela própria é uma vítima. Ela se formou e só nos anos 80, ao entrar no mestrado em filosofia USP que foi se deparar com filósofos africanos e isso através de publicações internacionais, pois os pares acadêmicos os desconheciam. Ela diz ainda que é essa dimensão (esse apagamento) que construiu a nossa inferiorização como seres humanos, pois o racismo é uma ideologia que foi produzida pelas elites intelectuais e que foi consenso entre elites intelectuais.

intelectual negra Stephanie Ribeiro, sobre a exibição de um espetáculo de teatro branco que trazia uma personagem de *blackface*⁴. Essa ação só aconteceu por existir uma rede articulada de mulheres negras que estava e está atenta e ativa na inibição de manifestações, sejam elas de quaisquer ordem, que nos inferiorizam. Sendo o campo da arte e da intelectualidade tão rico de pessoas questionadoras e inquietas é ainda mais constrangedor quando, nós negras, artistas e intelectuais, temos que explicar aos nossos pares o óbvio. Na ocasião, um marco para as discussões de representação e representatividade negras na arte, pôde se perceber, através da resistência dos artistas brancos em reconhecerem sua prática como racista, o quanto ainda vivemos, mesmo nos espaços de arte e fruição de pensamento, sob uma ótica colonial e que diante dos questionamentos não raras vezes nos desautorizam, narrando-nos como censuradoras ou como pessoas que não entendem tão bem sobre arte, mesmo sendo esta a expertise de quem os questiona.

É interessante, mas *não é científico*; é interessante, mas *é subjetivo*; é interessante, mas *é pessoal, emocional e parcial*: “*você interpreta demais*” disse-me certa vez uma colega. “*Deve julgar-se a rainha da interpretação.*” Comentários como estes revelam o controle interminável da voz do *sujeito negro* e a vontade de governar e comandar como abordamos e interpretamos a realidade. Com estas observações, o *sujeito branco* assegura o seu sentido de poder e autoridade sobre um grupo que rotula de “*menos sabedor*” (KILOMBA, 2019 p.54)

Não será raro em espaços de tomada de decisão, sejam eles do campos conservadores ou progressistas, que seremos inferiorizadas e aqui evoco novamente Kilomba (2019 p.39) quando diz que este esforço de silenciamento ao sujeito negro é resultado do medo que o sujeito branco tem de escutar uma verdade que pode ser revelada. Nesta transcrição do pensamento de Kilomba esbarramos no colonialismo da

⁴ Blackface é o ato de usar de artifícios esdrúxulos para escurecer a pele e imitar traços negroides para interpretar pessoas negras em espetáculos, com frequência em papéis que almejam produzir o escárnio de platéias brancas. Essa prática era comum nos EUA no século XIX mas também no Brasil, no século XX. O próprio TEN (Teatro Experimental do Negro) tem início após incômodo do próprio Abdias do Nascimento ao ver um ator branco se prestando a tal papel em *O imperador Jones*, de Eugene O’Neill. O caso mais conhecido de blackface no Brasil é de Sergio Cardoso, na novela *A cabana do pai Tomás*, novela também que marca a presença da primeira protagonista mulher negra, neste caso uma mulher realmente negra, a importante atriz e intelectual Ruth de Souza, falecida em julho de 2019..

linguagem, pois para falar a língua dita correta preciso me referir a *um sujeito*, expressão masculina e sendo esse trabalho escrito a partir do pensamento de mulheres negras, há uma incoerência a que estamos acostumadas a ignorar, essa costumeira adaptação a aquilo que não é sobre nós. O livro Memórias da Plantação - episódios de racismo cotidiano, conta na versão em português, recém lançada no Brasil e em Portugal, dez anos após sua primeira edição em inglês, com uma apresentação que tenta dar conta do porquê da demora de seu lançamento nesse idioma, sobre como a língua portuguesa é impregnada de uma lógica que impossibilita que possamos, sem recursos, sem silogismos, falar. A máscara silenciadora tem uma tecnologia avançada e tantas vezes letal.

“Não serei interrompida. Não aturo interrompimento dos vereadores dessa casa. Não aturarei o cidadão que veio aqui e não sabe ouvir a posição de uma mulher eleita”⁵

⁵ Uma das últimas falas na tribuna da vereadora do Rio de Janeiro, socióloga, intelectual negra Marielle Franco, ativista dos direitos humanos, assassinada em março de 2018 juntamente com o motorista Anderson Gomes ao sair de uma roda de conversa chamada Mulheres Negras Movendo as Estruturas.

COM ESCRIVÊNCIAS



Mural Conceição Evaristo feito por Alberto Pereira e Pandro Nobã – Foto: Louise Freire

Sigo com um “desculpa” na ponta dos dedos, escrevo e a descrevo mas não permito que ele cumpra sua função. Não me desculpo! Aviso que ele está ali, me lembrando que tem ainda um tanto de rastro da poeira deste lugar de insegurança do qual tento me libertar, um rastro de insegurança que vem desde antes que eu possa me lembrar, uma insegurança que talvez tenha acompanhado minha mãe e minha vó, e as mulheres de minha ancestralidade antes delas. Evoco aqui uma lembrança remota, a lembrança de quando aprendi a ler.

A professora Araci me chamou em sua mesa. Levantei e ela me entregou um bilhete e disse para eu levar para minha mãe. Perguntei à professora o que dizia o bilhete e ela disse: lê.

A aluna Silvana dos Santos Rodrigues concluiu a primeira etapa de alfabetização e está apta a realizar o cadastro na biblioteca para a retirada de livros.

E eu li isso. Certamente não eram exatamente essas palavras porque a memória é traiçoeira, mas a verdade é que, seja qual for a exata frase escrita, eu a li, li em voz alta para a professora e com uma dúvida genuína de criança, perguntei:

Eu já sei ler?

E eu já sabia ler, mas eu duvidei de mim. Eu lembro de ter tido vergonha de saber e não saber que sabia. Por que uma cobrança tão grande comigo mesma sendo apenas uma menina de seis anos? De onde vinha (e de onde vem) essa sensação tão dolorosa de mesmo certa, mesmo acertando, sentir-se errada? De onde vem esse pedido de desculpas na ponta da língua e dos dedos? Porque me senti tão má aluna mesmo tendo boas notas (já que notas são o critério)? Não sei, mas não peço, não digo e tal qual a intelectual negra, a escritora moçambicana Paulina Chiziane conscientizo que esta cobrança e mal estar vem de fora, vem do outro. Ela diz: sou mulher e sou preta, então, tudo que faço tem que ter erros. Se não tiver, arranjam (2016). Seguimos lendo as palavras e lendo o mundo, mesmo quando a vontade é de desalfabetizar o olhar em razão falta do letramento racial do outro.

Logo depois de ler aprendi também a escrever não apenas desenhando as palavras, mas dando sentido às letras que escrevia. Demorou muito tempo até eu me deparar com o conceito de *Escrevivência* da escritora e intelectual negra Conceição Evaristo e mais ainda com a *escrevivência acadêmica* de Giovana Xavier. A pedagoga, intelectual negra, Nilma Lina Gomes vai falar acerca do movimento negro como educador e produtor de saberes emancipatórios⁶, pois, se nas grades curriculares

⁶ Em “O movimento educador” Gomes nos fala de diversas iniciativas de negros e negras de frentes e iniciativas organizadas para produzir alternativas de educação, formação e emancipação.

obrigatórias das Universidades não nos deparamos com essas literaturas é, nos espaços de articulação de pessoas negras que temos tido uma formação que nos contemple e preencha lacunas criadas pelo epistemicídio, feito isso trazemos esses saberes como devolutivas, linguagens e questionamento para a sala de aula. O já mencionado trabalho em dobro. O próprio TEN, Teatro Experimental do Negro tem em seu cerne o desejo de fornecer uma formação cidadã aos seus participantes, ele nasce da necessidade de que o povo negro se instrumentalize.

A escola não é um campo neutro, onde, após entrarmos, os conflitos sociais e raciais permanecem do lado de fora. A escola é uma instituição onde convivem conflitos e contradições. O racismo e a discriminação racial que fazem parte da sociedade brasileira estão presentes nas relações entre educadores e educandos (GOMES, 1995, p. 68).

Enquanto mulher negra cujo saber é sumariamente desconsiderado, questionado em demasia ou apagado, é necessário que partamos de nós, de nossas vivências para (re) escrever nossas histórias e desenhar futuros. A escrita da intelectual negra Carolina Maria de Jesus, por exemplo, é também a *escrevivência* histórica de um período, de um lugar, de gênero, de raça e de classe social. Carolina ao narrar os dias de chuva como aqueles em que não podia sair para catar papel mas também como os dias em que ela escreve - pois não há mais nada que ela possa fazer - nos diz muito sobre a condição para escrita, sobre a condição de ser uma artista à margem, sobre escrever com fome, fome de comida e fome da escrita. Carolina escreve e descreve paisagens, cria poesia e chora ao dar-se conta que é, inevitavelmente poeta. É assim que ela quer se narrar, é assim que ela se vê, é assim que ela é.

[...] E, se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. [...] A nossa *Escrevivência* não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. (EVARISTO, 2007, p. 21)

Carolina apesar de narrar as mazelas do lugar em que vive e das dificuldades para criar os filhos, narra-se poeta, narra-se poesia. Ela se autodefine, ela se designa e vira o refletor à narrativa que deseja para si. Ela diz

Não digam que eu fui rebotalho,
Que vivia à margem da vida
Digam que eu procurava por trabalho
Mas sempre fui preterida.

Digam ao meu povo brasileiro
Que o meu sonho era ser escritora,
Mas eu não tinha dinheiro
Pra pagar uma editora.

Carolina Maria de Jesus (In: *Folha da Noite*, 09/05/58, p. 5)

Apesar de ser uma das mais importantes escritoras brasileiras de todos os tempos, traduzida para treze idiomas, a obra de Carolina não raramente é encerrada em rótulos que visam desautorizá-la enquanto autora e diminuí-la enquanto negra, numa associação de racismo, machismo e preconceito de classe, obviamente tudo feito conforme a norma culta exige, na discriminação elegante da língua do colonizador. Carolina foi poeta, compositora, cantora, escritora, uma intelectual negra que em 2019 foi leitura obrigatória da UFRGS e em 2020 também será uma leitura fundamental. Pouco. O mínimo.

ALGUMAS DEAMBULAÇÕES

Durante a minha formação no curso de teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul me deparei com algumas situações até então desconhecidas e não tinha repertório intelectual nem emocional para lidar com elas, sentia incômodo mas não conseguia objetivamente defini-lo. Quando entrei no curso pela primeira vez, em 2009, a UFRGS estava no início da implementação das ações afirmativas, logo, não era tão comum ter pelo prédio muitos alunos não-brancos, também não era comum neste espaço prevalecer a narrativa do aluno trabalhador, cuja vida não era só a universidade, cuja trajetória acadêmica não foi planejada durante toda a vida escolar pregressa. É sabido que sempre existiram exemplares destes alunos. Talvez não tenham *escre-vivido*, talvez não tenham sido lidos, talvez (aposto muito nessa hipótese) não tenham sido escutados. Talvez, pelo contrário, tenham sido usados como *token*⁷ e justificativa para que as ações afirmativas demorassem ainda mais para serem implementadas, afinal não nos esqueçamos do manifesto nacional de artistas e intelectuais contra as cotas raciais⁸, inclusive assinado por professores da UFRGS.

Que palavras ainda lhes faltam? O que necessitam dizer? Que tiranias vocês engolem cada dia e tentam torná-las suas, até asfixiar-se e morrer por elas, sempre em silêncio? Talvez para algumas de vocês hoje, aqui, eu represento

⁷ Geralmente utilizado na tentativa de se blindar de uma acusação de racismo. Dizemos que o token é aquela pessoa racializada que é mencionada pelo acusado como escudo. “Não sou racista, tenho amigos negros” ou ainda “mas eu conheço sim uma juíza que é negra”, “se ela chegou lá, é só se esforçar” Geralmente o token não está presente no momento que é tokenizado e existem tecnologias avançadas que toda pessoa racializada reconhece ao chegar num espaço embranquecido e num momento totalmente fora de contexto alguém fazer uma selfie. Há ainda, o mais problemático de todos, que é o token consciente, cito o exemplo do deputado Helio Lopes, conhecido como Helio Negão ou Helio Bolsonaro, que acompanha o atual presidente desde a campanha.

⁸ Em abril de 2008 113 ditos “Cidadãos Anti-Racistas Contra as Leis Raciais” submeteram ao STF um que documento pedia a suspensão do sistema de cotas para negros nas universidades federais e do programa ProUni. Em 2012 a Lei 12.711, chamada Lei das Cotas, define que as Instituições de Ensino Superior vinculadas ao Ministério da Educação e as instituições federais de ensino técnico de nível médio devem reservar 50% de suas vagas a estudantes oriundos da rede pública, embora essa sempre tenha sido uma luta protagonizada pelo movimento negro.

um de seus medos. Porque sou mulher, porque sou negra, porque sou lésbica, porque sou eu mesma – uma poeta guerreira Negra fazendo seu trabalho. Pergunto: vocês, estão fazendo o seu? (LORDE, 1977)

Hoje em dia, passada uma década, a mesma década em que circulo, entre idas e vindas, desistidas e insistidas, pelos prédios da Salgado Filho, 340 e General Vitorino, 255 posso perceber, como testemunha olho-ouvido-pele que mudanças têm acontecido, não somente fenotípicas, mas discursivas. Não por acaso a dramaturgia também acaba por nos oportunizar essa escrevivência, por escolha ou por sobrevivência, para se ver, para ser vista, num lugar que se almeja estar. Hoje gostaria de acreditar que seja menos comum que professores não diferenciem suas alunas negras, que não confundam seus nomes, acredito que episódios como um dos acontecidos comigo já não ocorram mais de, diante em um trabalho de dupla, ouvir uma colega dizer que não se via fazendo Cristina, mas somente a senhorita Júlia, na peça homônima de August Strindberg. E não há nenhum problema, à primeira vista, em nenhum papel, mas há no que esta visão implica, de um lugar onde a colega branca não se vê, mas me vê. E este lugar era na cozinha, fazendo a empregada doméstica. Embora, passados anos, entendo que essa peça em específico seja ótima para falarmos de relações de classe e raça, se assim optarmos, porém quando revelo este acontecimento como problemática é porque no início da década, naquela turma de estudantes de teatro, não estávamos realmente atentos a esse aspecto, só estávamos cada uma de nós ou reproduzindo papéis ou silenciando incômodos, quando não os dois. Ninguém quer ser a atriz que reclama, até que essa seja a única alternativa. São sutilezas nada sutis que nos compõem. Em 2010 ainda não tinha letramento racial para entender e relatar o que era aquele incômodo, mas ele me remetia a experiências anteriores vividas em oficinas de iniciação teatral, onde eu facilmente ocupava e até me divertia com os papéis de malandro, enquanto minhas colegas brancas eram as vítimas frágeis de minhas peripécias.

Maurício Pestana



Enquanto a mulher branca lutava para ingressar no mercado de trabalho e na universidade, buscando o reconhecimento dos seus atributos intelectuais, a mulher negra já trabalhava fora de casa há centenas de anos, sem que nem de longe fosse vista como uma pessoa inteligente. Sob esse aspecto, mulheres negras e brancas têm em comum a batalha pelo reconhecimento de suas faculdades mentais e autonomia para transformar e interagir com o mundo. No entanto, o racismo é o maior responsável por barrar oportunidades para a mulher negra. Para conquistar equiparidade com os homens, é extremamente necessário obter um posicionamento de igualdade entre as próprias mulheres e ser reconhecida como ser pensante com virtudes e individualidade, não somente como braço de trabalho à serviço da população branca. Para a mulher negra, ser vista como alguém forte não é uma reivindicação, mas sim um valor imposto pela sociedade e uma ferramenta pela sobrevivência. (ARRAES, 2013)

Tanto na família Santos, quanto na Rodrigues fui a primeira pessoa a acessar a Universidade Federal. Minhas avós, minha mãe e todas as minhas tias haviam sido ou ainda são empregadas domésticas.

T
O
D
A
S

Entrar na universidade era, há 10 anos, a expectativa de mudança neste paradigma, no entanto eu não tinha um pensamento crítico sobre essas muitas questões que fui me deparar e infelizmente não eram de fácil conversa ou negociação, pois, ainda muito recente as cotas, todos nós, alunos negros, cotistas ou não, ainda vivíamos sobre os fantasmas das manifestações racistas mais explícitas que tinham como intenção nos fazer crer que este espaço não era também nosso. Toda a minha criação, em uma família preta, pobre, periférica e evangélica era sobre não ser aquele o meu lugar, mas por acaso, alguma inocência, distração e persistência me permiti querer estar lá. Mas como ser eu estando lá? Como ser tudo isso que me forma, estando lá? Como formular as questões que estava passando e que me cansavam e enfraqueciam sem que meu cansaço e fraqueza se tornassem meus algozes e confirmassem as teorias de inferiorização que criavam sobre nós? Com quem falar sobre essas questões, com quem me abrir? Como afirmar que aquele lugar era também nosso, também meu, se quase tudo ali não era pensado para que nós nos sentíssemos parte? Imagino como deve ter sido ainda mais difícil a todas aquelas que vieram antes de mim.

Imagine como é não ser imaginada.

Imagine como é ser designada a apenas um lugar.

A intelectual negra, psicanalista, Neusa Santos Souza vai, no livro *“tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social”* trazer uma série de relatos analisados que, em dado momento da minha trajetória na graduação tiraram uma venda de meus olhos e me fizeram inevitavelmente nunca mais não perceber que a cada degrau que tentamos subir, mais empecilhos surgiriam nesta escalada. O DEDES - Departamento de Educação e Desenvolvimento Social, onde fui bolsista em diversos ocasiões, foi o grande responsável por me fornecer leituras e um ambiente seguro para me entender neste processo. Foi com o DEDES que fui estudar as ações afirmativas e entender, para além de ser uma beneficiária, a importância de não considerarmos nunca nenhuma etapa como vencida. Quanto mais vamos aprendendo e nos dando conta, mais desafiador é viver em meio a espaços embranquecidos, quanto mais vamos nos percebendo e entendemos o que somos, mais angustiante é fazer um arremedo de conforto e adequação. Aos poucos os sorrisos coniventes vão sumindo do rosto e nos tornamos as negras raivosas, as que são sensíveis demais, que brigam demais, se importam demais, trabalham demais e que agora estão por toda parte a perceber tudo, reclamar de tudo, querer tudo. Impossível também não compreender que os ataques que as universidades públicas vem recebendo nos últimos anos e seu atual sucateamento e classificação como espaço de balbúrdia pelo próprio ministro da educação, Abraham Weintraub, tem também relação com o ódio que as classes economicamente dominantes nutrem pela mudança gradual do perfil das estudantes que agora a frequentam e que aos poucos também estão ocupando o corpo docente. Passados esses anos todos das ações afirmativas na UFRGS e no DAD, que as cotas são lei, creio que não acontecerá de professores se sentirem a vontade de mencionar em aula, com vários alunos cotistas presentes (embora somente as pessoas negras fossem lidas como tal) que “agora tudo é cota” lamentando que, por isso sua filha não poderia ter bolsa na Paris 8 por não ter estudado em escola pública, mas que isso não seria um problema, afinal “o pai dela tem terras”. Acredito que a visão de que o aluno cotista está roubando algo - e essa visão de ladra pesa ainda mais aos alunos e alunas negras - já tenha sido superada, senão pelos conservadores, pelos progressistas com

quem dividimos o pão (e a mortadela). Nada nessa equação é por acaso. Existe uma grande preocupação desta, como classificou Jessé Souza, elite do atraso (2017) em ter que se deparar conosco nos consultórios médicos, como médicas; nos tribunais, como juízas; nos restaurantes, como chefs, como clientes; nos cinemas e teatros, como atrizes, diretoras, realizando quaisquer personagens que não reforcem a imagem construída e limitante que esperam de nós. É difícil dividir o lugar conosco seja no aeroporto ou na universidade, grandes rodoviárias, com variadas gentes. O próprio presidente da república em seu primeiro ano de mandato vetou uma propaganda do Banco do Brasil por apresentar excesso de diversidade racial e sexual, episódio que rendeu o afastamento do diretor de comunicação e marketing, Delano Valentim.



Faculdade de Direito UFRGS, 2007.

LONGOS SILÊNCIOS

Suspiro e retomo mais uma vez.

Me recordo ainda que, em 2009, ano que entrei pela primeira vez na UFRGS, uma antiga patroa de minha irmã conseguiu meu telefone não sei de qual maneira e me ligou oferecendo um trabalho - que eu não estava procurando - de “cuidadora” de uma moça para realizar “pequenos” trabalhos domésticos e eu, me sentindo invadida por receber uma ligação não desejada, de uma pessoa desconhecida, expliquei que recém havia entrado na universidade, ia estudar teatro e tinha outros planos para mim, mas a explicação que nem deveria ter dado, não foi suficiente, ela estava confiante de que seu oferecimento de trabalho era a grande chance de minha vida. Isso aconteceu em 2009 e segue acontecendo de muitas formas. Retomo aqui a importância da nossa autodefinição, fosse outro contexto talvez, sim, aquela fosse uma grande oportunidade, mas a insistência e resistência em aceitar o que eu estava decidindo para minha própria história é o incômodo aqui, assim como Kilomba neste momento eu enfrentava mais uma vez algo irrazoável (2019:97). A régua do outro não trás a nossa medida. Nós damos a nossa medida, seja ela mais difícil, mais fácil, mais utópica, nós damos a nossa medida.

Peço licença de novo e proponho um espaço outro, para que não percamos de vista que é com arte esta escrita. É sobre alguns percalços, mas é com arte.

E LÁ NA FAVELA TEM NOME DE FLOR⁹

O Sankofa é parte integrante de um conjunto de ideogramas chamado adinkra, desenvolvido pelos Akan, um grupo cultural presente em Gana, Costa do Marfim e no Togo, países da África do Oeste. Sankofa é representado por um pássaro com a cabeça voltada para cauda e existem variações de seu significado mas trouxe para mim a versão que diz que nunca é tarde para voltar e pegar aquilo que ficou esquecido pelo caminho pois foi com esse pensamento que, após três anos afastada do curso de licenciatura em teatro, com uma breve passagem pelas Políticas Públicas (porque apesar das oportunidades para nós serem mais raras também temos o direito à dúvida e à experimentação), decidi voltar, mas desta vez para o bacharelado em direção teatral. Quantas estudantes negras, de direção teatral, o Departamento de Arte Dramática da UFRGS já teve? Quantas se formaram? Essas são perguntas que este trabalho de curso não dará conta de responder, mas que precisam ser feitas, em voz alta. Então convido quem realiza essa leitura a voltar duas linhas e ler em voz alta essas questões postas, olhar para trás e romper este silêncio. Agora convido a se imaginar em todas mesas redondas, congressos e palestras futuras iniciar as suas falas com esse questionamento. Agora imaginem, vocês, que não são pessoas racializadas, que esse questionamento vem de uma mulher negra, que ao mesmo tempo que com sua presença rompe a estatística, essa mesma presença evidencia mais ainda a estatística de invisibilidade, da presença única e “suficiente”. O fazer em dobro, fazer enquanto faz. Em 2010 diante desta nova percepção sobre mim mesma comecei a anotar quantas pessoas negras encontrava nos espaços de arte e cultura que circulava, quantas éramos e o que estávamos fazendo. Essa pesquisa é homônima a este trabalho, “estatística neg(r)a: onde eu estiver sempre haverá uma”. Quando rompemos os silêncios vamos descobrindo que não estamos sós e anos depois descobri que

⁹ verso da canção Malandro, de Jorge Aragão, popular na voz de Elza Soares

muitas pessoas faziam isso, talvez não registrando como eu registrava mas percebendo, se dando conta. O teste do pescoço¹⁰.

E, certamente tenho medo, porque a transformação do silêncio em linguagem e em ação é um ato de auto-revelação, e isso sempre parece estar cheio de perigos. Mas minha filha, quando falei de nosso tema e de minhas dificuldades, me disse: “Fala para elas de como nunca se é uma pessoa inteira se guardas silêncio, porque esse pedacinho fica sempre dentro de ti e quer sair, e se segues ignorando-o, ele se torna cada vez mais irritado e furioso, e se nunca o deixar sair um dia diz: basta! e te dá um soco dentro da boca” (LORDE, 1977)

Peço licença novamente para abrir um parêntese antes de seguir nesta viagem. Gostaria de falar brevemente de Bia Ferreira, cantora, musicista, compositora, produtora musical e intelectual negra que é trilha sonora na minha escrita e convido para ser também na sua leitura. Numa entrevista ao canal da youtuber branca Ellora, chamada "Eu só topo fechar com pessoas brancas que querem sangrar comigo" - que é também uma forma de dizer o que a Yalorixá, psicóloga, intelectual negra Sandrali Bueno nos disse no ato público realizado na esquina do Zaire em Porto Alegre, no dia seguinte ao assassinato de Marielle Franco: brancos, sejam nossos escudos para que possamos viver nosso luto. Bia é assertiva ao dizer que mulher negra nunca pode ser uma coisa só. Não dá para se manter sendo uma coisa só. Fecho este parênteses.

A poeta, dramaturga, atriz, diretora, intelectual negra Cristiane Sobral escreve o poema *Não vou lavar os pratos* na perspectiva de uma mulher, que a princípio faz parte de um casal heterossexual e que a partir do momento que descobre o poder da leitura, redescobre o tato e se permite distrair, criar novos desejos

Não vou mais lavar os pratos

Nem vou limpar a poeira dos móveis

Sinto muito. Comecei a ler

Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi

¹⁰ Um proposição de Luh Souza e Francisco Antero que consiste em, ao chegar nos lugares e realmente esticar o pescoço, olhar e contar como o espaço é composto fenotipicamente. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/existe-racismo-brasil-faca-o-teste-pescoco-e-descubra/> acesso em 20 nov. 2019.

Não levo mais o lixo para a lixeira
Nem arrumo a bagunça das folhas que caem no quintal
Sinto muito. Depois de ler percebi a estética dos pratos
a estética dos traços, a ética
A estética
Olho minhas mãos quando mudam a página dos livros
mãos bem mais macias que antes
e sinto que posso começar a ser a todo instante
Sinto
Qualquer coisa
Não vou mais lavar
Nem levar.
Seus tapetes para lavar a seco
Tenho os olhos rasos d'água
Sinto muito
Agora que comecei a ler, quero entender
O porquê, por quê? E o porquê
Existem coisas
Eu li, e li, e li
Eu até sorri
E deixei o feijão queimar...
Olha que o feijão sempre demora a ficar pronto
Considere que os tempos agora são outros...

Ah,

Esqueci de dizer. Não vou mais

Resolvi ficar um tempo comigo

Resolvi ler sobre o que se passa conosco

Você nem me espere. Você nem me chame. Não vou

De tudo o que jamais li, de tudo o que jamais entendi

 você foi o que passou

Passou do limite, passou da medida, passou do alfabeto

 Desalfabetizou

 Não vou mais lavar as coisas e encobrir a verdadeira sujeira

Nem limpar a poeira e espalhar o pó daqui para lá e de lá para cá

Desinfetarei as minhas mãos e não tocarei suas partes móveis

 Não tocarei no álcool

Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler

Depois de tanto tempo juntos, aprendi a separar

 Meu tênis do seu sapato

 Minha gaveta das suas gravatas

 Meu perfume do seu cheiro

 Minha tela da sua moldura

Sendo assim, não lavo mais nada

 e olho a sujeira no fundo do copo

 Sempre chega o momento

De sacudir, de investir, de traduzir

Não lavo mais pratos

Li a assinatura da minha lei áurea escrita em negro maiúsculo

Em letras tamanho 18, espaço duplo

Aboli

Não lavo mais os pratos

Quero travessas de prata, cozinhas de luxo

E jóias de ouro

Legítimas

Está decretada a lei áurea.

[SOBRAL, 2010 p.22-25]

É impossível realizar uma leitura deste poema sob uma ótica unicamente das relações de gênero, pois quando avaliamos o dado da Companhia de Planejamento do Distrito Federal, onde a poeta reside, descobrimos que em 2017 80% das mulheres que trabalhavam como empregadas domésticas eram negras. Corroborar com esta perspectiva o verso que encerra o poema: *está decretada a lei áurea*.

a atual situação da mulher negra é fruto de raízes históricas pautada na domesticação dessas mulheres, onde sua principal função era a do cuidado do lar das senhoras. Porque a negra é a babá dos filhos da mulher branca burguesa ou pequeno-burguesa, enquanto seus próprios filhos não existem ou percorrem soltos os morros e as ruas principalmente das grandes cidades? Durante todo o percurso histórico de muitas famílias negras a condição e empregadas domésticas, perpassou gerações de mulheres que não tiveram oportunidades objetivas de exercer outras funções, nos dias atuais, quando caminhamos pelas ruas nobres das grandes cidades ainda, vemos crianças brancas sendo cuidadas por negras babás, ainda vemos jovens negras limpando vidraças e chão, varrendo calçadas, ainda vemos nossas mais velhas cozinhando para suas patroas, que são executivas, gerentes, diretoras, mulheres brancas que dizem não existir mais desigualdades, pois estão no poder, e naturalmente assimilam sua condição de privilégios historicamente, construídos ao longo do desenvolvimento da sociedade brasileira. (PAULA, Bergman, 2011)

Nesta ótica podemos entender que na vida e na artes cênicas ainda há um lugar bem guardado e uniformizado para as mulheres negras ocuparem. Partindo dessa mesma premissa também nos reinventamos e, ainda, neste mesmo lugar único de imaginário e conseqüentemente de aprisionamento e invisibilidade de possibilidades, trazemos os holofotes a esta situação, retomando a narrativa de nós mesmas. Se os espaços formais de aprendizado ainda carecem de abertura à referências plurais que nos contemplem é, voltando os olhos para fora que nos reencontraremos.

A atriz, performer e intelectual negra Ana Flávia Cavalcanti, conhecida por seus trabalhos na emissora de televisão na Rede Globo é criadora de uma performance chamada “a babá quer passear”. A performer se veste completamente de branco, cor utilizada para distinguir com *clareza* as babás, as cuidadoras, a pessoa que serve das demais, que são servidas. Ironicamente branco também é a cor de distinção da roupa dos profissionais de maior prestígio no Brasil, mas neste caso o branco é por uma questão sanitária da profissão, porém não raramente vemos estudantes de medicina circulando com seus jalecos do lado de fora do hospital, como um potente signo que lhes agrega valor. Cores e valores, alvos e alvos, uns tão brancos outros tão alvejados. Flávia se coloca então dentro de um carrinho de bebê rosa, em pontos de grande movimentação desde a Zona Sul do Rio de Janeiro até as cidades onde realizou. Ela escreve em balões a frase-título e aguarda que intervenham e levem-na para passear.



Ana Flávia Cavalcanti, atriz e performer, na performance A babá quer passear em frente ao Museu do Louvre, na França

Outra referência também importante neste sentido é a intelectual negra, artista estadunidense Janelle Monáe, mais conhecida pelos seus projetos musicais, ela também é atriz e dançarina. No início da carreira ela costumava se apresentar de preto e branco, com variações de roupas que remetiam a uniformes de prestadores de serviços. Em 2012 ao receber o *Young Gifted and Black Award* fez um emocionante discurso, falando que no início da carreira dividia os palcos com a limpeza de casas, além de ser filha de uma zeladora e ter um padrasto carteiro e que todas as pessoas que são sua base usavam uniforme e desta forma, remeter a essa vestimenta em seus shows, era uma forma de honrá-los e ainda, nesta mesma ocasião disse a célebre frase: abrace o que te faz única, mesmo que isso deixe os outros desconfortáveis.



Janelle Monae

Muitas vezes o desconforto virá simplesmente do fazer o trabalho a partir dos próprios referenciais, recusar um parâmetro branco, a falsa neutralidade, a beleza nas formas que não coincidem com nosso corpo, cor, cabelo, mente. O desconforto muitas vezes está em saber quem se é e não deixar de sê-lo, em amar-se em evidenciar o ideal branco que nunca alcançaremos e tão pouco desejamos.

Partindo então cada uma de uma premissa singular mas que dialogam entre si, imbuída de todos esses caminhos e descaminhos, trago aqui um registro da performance Negrinha! que realizo desde 2013 e que foi criada para ser feita em entrada de eventos culturais, ou seja, da porta para fora. Na performance Negrinha! me instalo em um local de passagem, próximo a recepção ou portaria do local onde será realizado o evento oficial e fico embrulhando brigadeiros, que no sul do Brasil, especificamente no Rio Grande do Sul, chamam de “negrinho”. Na ação que tem uma pequena área demarcada no chão, fico parada, de pés descalços, próxima a mesa onde estão os objetos e insumos e, sorridente ofereço os doces. A quem se aproxima pelo doce ofereço também um texto. A ação é simples e tem seus parâmetros bem

estabelecidos. Permaneço naquela demarcação de chão durante toda a ação; meus pés estão descalços; minhas mãos são lavadas diante das pessoas; nunca tem mais que três doces feitos, caso forme uma fila cada pessoa tem que esperar sua vez; não existe uma personagem ou um estado espetacular; uso um avental amarelo, brincos grandes, baton forte e turbante: não estou camuflada no saguão; ofereço o doce e a quem se aproxima, o texto. A ação termina quando o doce termina ou quando o evento oficial começa.



performance Negrinha! - registro de Jéssica Lusía

O texto que entrego é uma escrita em livre associação, a partir de uma história de minha mãe, tias e tio e sua relação de amor com o açúcar, tão escasso em suas infâncias. A partir deles faço uma aproximação metafórica com a lenda do negrinho do pastoreio e escrevo sobre sobre ser devorada, maltratada, castigada, deixada às

moscas ou melhor, formigas, e resistir. Esta proposição é, de certo modo, uma forma de existir, de sobreviver e de produzir arte que faça sentido, que seja justa com a minha perspectiva e com os meus referenciais. É uma ação-traça, que vai chegando e lentamente corroendo as literaturas e imaginários que não nos contemplam, as bibliografias obrigatórias que não nos imaginam, nos encerram, nos estereotipam, dramaturgias que não são narrativas de nós mesmas.

- Eu vou crescer, eu vou me tornar homem, eu vou trabalhar e eu vou poder comprar um quilo de açúcar e comer todinho sozinho.

Disse o tio da Negrinha!

Rapadura é doce, mas não é mole.

O doce brigadeiro aqui no sul é chamado negrinho. Aqui no sul, estado bonito, onde as nossas façanhas servem de modelo existe a lenda (lenda?) do negrinho, do negrinho aquele do pastoreio.

Um dia ele, o negrinho, perdeu o cavalo e apanhou. O dono dele, do cavalo e do negrinho, mandou o pequeno ir pro campo procurar e sem achar ele voltou.

Ele voltou e foi castigado.

- Fica aí negrinho, em cima do formigueiro, como um doce a ser devorado, fica aí negrinho, fica aí...

No dia seguinte, sem mordida nem picada, com a benção de nossa senhora, a santa que também é negrinha, lá estava ele, o pequeno, triunfante.

Como é doce saber-se negrinho. Como é doce saber.

Como. É doce.

Comam. É doce.

(Rodrigues, 2018)

Desde 2017 esta ação também está incorporada ao Mulheragem, espetáculo idealizado por Juçara Gaspar e dirigido por Guadalupe Casal. Neste contexto, que é um *medley* de cenas de várias atrizes de Porto Alegre, me insiro também ao final do espetáculo no palco, subvertendo meus próprios parâmetros iniciais, espetacularizando a minha presença, dando valor a algo que antes havia sido ignorado, o estar dentro e no palco torna-se tão estranho quanto o estar fora, servindo doces e definindo como arte.

NENHUMA RESPOSTA MAS UM PUNHADO DE FOLHAS SAGRADAS¹¹

Na construção dos meus verbos de ligação, do me perceber para ser, para estar, para permanecer e tornar-me fui me aproximando de artistas que diziam algo que dialogava com o que pensava, com o que sentia. Em 2011 li uma entrevista da cantora, intelectual negra, a Dra. Elza Soares à Mona Dorf, entrevista que me tocou profundamente e naquele mesmo ano, uma frase sua foi o nome de um trabalho de atuação: *my name is now*. Em 2013 ao realizar o workshop com coletivo La Pocha Nostrapude novamente dialogar com as palavras de Elza. Alguns anos depois essa mesma frase, que é uma síntese da potência de Elza, torna-se o título de filme, com direção de Elizabete Martins Campos.

Quando estava decidindo o que escreveria como trabalho de conclusão de curso houve um desejo de traçar um paralelo entre o encontro com essa entrevista que me ergueu num momento de dor silenciosa e a trajetória musical de Elza. Já sabia até como ia se chamar o trabalho: “do cóccix até o pescoço”, nome de um álbum dela lançado em 2002 e que é o que trás “a carne”, música de Seu Jorge que é um dos hino da década, da cantora do milênio¹².

O episódio tinha sido o seguinte: na aula uma professora nos falou de dois artistas importantes que estariam na cidade e que tínhamos que fazer o workshop que eles ofereceriam (“é baratinho”, ela disse). Não me faltava vontade, mas faltava dinheiro. Diante da ênfase da professora sobre a importância daquela atividade e a minha impossibilidade de fazê-la comecei a repensar o que estava fazendo ali se, um curso importante eu não podia fazer, se nem todos espetáculos eu podia assistir (às vezes pelo ingresso, outras vezes pela volta para casa pois morava na lomba do pinheiro e os ônibus - e a permanência no ponto a noite - eram e ainda são

¹¹ Verso da canção *banho de folhas* das cantoras e intelectuais negras Luedji Luna e Emillie Lapa

¹² título dado pela BBC de Londres à Elza Soares em 1999

complicados), foi nesse contexto que me deparei com a entrevista, com Elza e com o que ela chamou de *planeta fome*, que passados 9 anos vem a ser o nome de outro álbum. Digo isto pois a Elza não está explícita neste trabalho ou no estágio mas está implícita em meus trabalhos, sua voz ecoa e me faz vibrar e para além dos estereótipos de força que embutem a nós, mulheres negras, Elza é uma referência de solidez, ela é a coluna para muitas de nós. Há sempre uma voz, que funciona como uma mão a levantar meu queixo, que pergunta: hey, o que Elza faria? Sinto, como documentarista ao acaso, que o título de Doutora honoris causa que ela recebe da UFRGS em 2019 é um fechamento de uma história recontada que ainda está no início. Elza doutora, Carolina leitura obrigatória... Esta é uma história longa que ainda está no início. Penso que este é um bom momento para tristemente constatar que, embora tenha tido diversas ocasiões de aprendizado, por estar presente em trabalhos de colegas, nunca fui formalmente aluna da prof. dra. intelectual negra Celina Alcântara, uma das responsáveis pela formulação do dossiê que justificou o merecimento do título à Elza, a única professora negra do Departamento de arte dramática da UFRGS e também a primeira aluna negra a se formar neste departamento. Estamos em 2019 e ainda temos estreia! Estamos em 2019 e ainda estamos nas primeiras vezes. Como dizia na performance com o *La Pocha Nostra*¹³, repito: todos os dias nascem Elzas no planeta fome! Que as nossas histórias não sejam justificadas somente pela dor do nosso processo, mas que não esqueçam da dor de nosso processo e tendo conhecimento dele, façamos todos nós, todos vocês, o dever de casa. Podemos falar de cota da docência ou deixamos essa para uma próxima?

¹³ La Pocha Nostra é uma organização de artes transdisciplinares em constante transformação, fundada em 1993 por Guillermo Gómez-Peña, Roberto Sifuentes e Nola Mariano na Califórnia. O objetivo era conceitualizar formalmente as colaborações de Gómez-Peña com outros artistas performáticos. Fornece uma base para uma rede solta de artistas rebeldes de várias disciplinas, gerações e antecedentes étnicos cujo denominador comum é o desejo de atravessar e apagar as fronteiras perigosas entre a arte e a política, a prática e a teoria, o artista e o espectador. La Pocha luta para erradicar mitos de pureza e dissolver fronteiras que circundam a cultura, a etnicidade, o gênero, a língua e o métier. Esses são atos radicais. Disponível em <https://hemisphericinstitute.org/pt/hidvl-collections/itemlist/category/68-pocha.html>

Em 2014 éramos em torno de dez alunos negros e negras no DAD, espalhados pelas várias etapas do curso. Tínhamos discussão sobre as nossas perspectivas mas ninguém era diretamente ligado ao movimento negro de maneira mais ativa. Estávamos na praça da matriz, em frente ao Teatro São Pedro e era meu aniversário. Havia bolo, havia música, haviam amigos e estávamos felizes. A atriz, cantora e intelectual negra Camila Falcão naquele ano precisava realizar o primeiro estágio para obtenção do título de bacharela em teatro e foi ali, naquele momento de alegria e descontração entre nossos pares, naquele espaço-rua, onde podíamos ser “tudo”, que nasceu *Qual a diferença entre o charme e o funk?* com direção de Thiago Pirajira, com Bruno Fernandes, Bruno Cardoso, Camila Falcão, Kyky Rodrigues, Manuela Miranda, Laura Lima e comigo, Silvana Rodrigues. Este vem a ser o primeiro espetáculo do grupo Pretagô, que hoje conta com 5 anos de uma trajetória de intenso impacto na cidade, formando plateias fiéis que até então não se viam representadas na cena, porque afinal representatividade importa.



Arquivo Pretagô - da esquerda para direita, de cima para baixo, Bruno Cardoso, Camila Falcão, Thiago Pirajira, Silvana Rodrigues, Kyndze Rodrigues (Kyky), Laura Lima, Manuela Miranda e Bruno Fernandes.

Se no *Qual a diferença...?* necessítavamos estar no palco como uma afirmação da nossa ocupação no espaço acadêmico e artístico de Porto Alegre, em *Afreme* (2015) vamos para um bar, espaço onde nossa presença já era esperada e celebrada. Em ambos trabalhos experimentamos alguns episódios de estranhamentos. Perguntas em tom amistoso como “porque os negros do DAD estão todos juntos?”, remetendo a tempos em que legalmente nossos ancestrais eram proibidos de andar em grupos, correndo risco de serem presos e não que isso não mais aconteça. Não é como se pessoas negras, estudantes negros de teatro e dança não fossem chamados de gangue e facção no corredor da universidade ou nos tapetes vermelhos das grandes

premiações artísticas da cidade. Não é como se os alunos brancos não andassem constantemente agrupados ou como se os grupos de teatro da cidade não fossem majoritariamente e até exclusivamente formados por pessoas brancas. O fato de não ser racializado provoca uma cegueira de percepção. Costumo dizer que apesar de sofrermos com a invisibilidade somos ao mesmo tempo extremamente visíveis. É impossível passar despercebida quando esse é o nosso desejo. É muito *black, black mirror*.¹⁴



Apesar do estranhamento - que é do outro - em se ver como nós o vemos (KILOMBA, 2019, p.43), seguimos agrupados, aquilombados

Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochés, escolas de samba, gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade; dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém tanto os permitidos quanto os 'ilegais' foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. A este complexo de significações, a esta práxis afro-brasileira, eu denomino de quilombismo (NASCIMENTO, p.255).

¹⁴ Série televisiva criada por Charlie Brooker que apresenta um futuro breve e distópico, com graves consequências do uso de tecnologias avançadas. A expressão "muito black mirror" já faz parte dos ditado popular, para explicar situações pouco explicáveis, das interferências dos algoritmos na vida para além das telas.

Evidentemente que o *Pretagô* não é pioneiro em trazer a cena, no departamento de Arte Dramática da UFRGS, uma dramaturgia original e encenada majoritariamente por alunos e alunas negras, mas quero destacar esse recorte de tempo, inclusive antes de avançar gostaria de citar o trabalho de conclusão das atrizes e intelectuais negras Lucila Clemente e Josiane Acosta, o espetáculo *No Palco Ruth de Souza*, apresentado em 2010 falando desta atriz, também pioneira e falecida em julho de 2019, Ruth de Souza. Entendo este pioneirismo como uma denúncia da descontinuidade de nossa história, estamos num *looping* infinito e angustiante de começos, de contar tudo de novo, de fazer tudo de novo. Creio que já seja chegado o tempo que se é para fazermos tudo de novo que façamos Palmares!

Mais recentemente também pudemos ver outros trabalhos no DAD cujo protagonismo é de estudantes negras, como no espetáculo *Carne Viva* (2018), com Phillipe Coutinho, Esly Ramão, Gabriel Farias e Lucas Santos (Luno) no elenco, assinando todos eles a dramaturgia e a direção. Cito também o espetáculo *Sobrevivo-Antes que o baile acabe* (2019), com direção de Sandino Rafael e dramaturgia do grupo, composto por com Maya Marqz, Letícia Guimarães, Phillipe Coutinho, Esly Ramão, Gabriel Farias e Cira. Destaco ainda a produção de *Tabataba* de 2016 e remontado em 2019, que apesar de não ser uma criação original mas partir do texto dramático do autor francês Bernard Marie-Koltés, tem sua equipe criativa majoritariamente formada por pessoas negras, que são elas Hayline Vitória, Ivanei Araújo (2016) e Phillipe Coutinho (2019), com direção também de Sandino Rafael. A atriz e intelectual negra Hayline Vitória ganhou com este trabalho o prêmio de Atriz Revelação no Açorianos¹⁵ 2016. Outra iniciativa que não poderia deixar de citar é o *Poesia contemporânea negra e movimentos do funk* (2016), um ciclo de atividades propostas pelo ator Bruno Cardoso, juntamente com a Kyky Rodrigues e comigo em que visitávamos escolas realizando rodas de poesia e funk e abrindo debate sobre

¹⁵ Açorianos é o mais tradicional prêmio de artes na cidade de Porto Alegre. Todos os anos são premiadas produções de teatro, dança, música, artes visuais e literatura.

negritude. Essas rodas que a princípio eram para falar de arte negra se tornaram espaços para que adolescentes negros e brancos pudessem conversar e nos trazer diversas demandas que não encontravam espaços nem na escola e nem em suas casas. Este espaço empático, de escuta e de mudança de roteiro que eles propunham nos ensinou e acolheu num momento em que nós três não estávamos mais vinculados ao DAD e achávamos que não voltaríamos. Eu, pelo menos, achava isso de mim, mas aqui estou nessa escrita que é volta e é partida. Por fim, então, cito o meu estágio e trabalho final no curso de teatro, trabalho que assino a direção e que tem elenco composto por Fabrício Zavareze, que é o espetáculo *Perigoso*, cuja dramaturgia foi criada em sala de ensaio através de improvisações que partiram de motes do pensamento das intelectuais negras que encontrei em minha trajetória e que trouxe para essa conversa conforme anexo 3.

Pudemos ver que nas produções citadas acima que alguns nomes se repetem porque, apesar de, segundo o IBGE, neste momento sermos maioria¹⁶ de pardos e pretos nas universidades, na prática, no teste do pescoço, não é isso que vemos. O mesmo dado do IBGE nos trás a informação adicional que, embora estejamos mais escolarizados a desigualdade em outros setores, como empregabilidade, em relação a brancos, permanece. Nisso reside a importância das comissões de aferição racial e de um posicionamento sério da sociedade dita progressista em constranger quem se faz valer de uma política necessária para obter uma vantagem ilegítima, fazendo a manutenção dos privilégios que já possui. O constrangimento maior neste caso é não termos equidade, sobretudo nos espaços de arte, de fruição de pensamento, mas sendo justa e me permitindo assumidamente ocupar o lugar de *enfant terrible*, lembro

¹⁶ Segundo dado publicado pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no dia 13/11/19. Os pretos e pardos constituem, pela primeira vez, maioria dos estudantes de nível superior na rede pública, com 50,3% dos alunos. No entanto não podemos simplesmente entender esse dado sem trazer em questão o grande número de fraudadores de cotas que todos os anos ingressam também e acabam produzindo dados equivocados. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>. Acesso em 20 de nov. 2019.

uma obviedade que por vezes é esquecida, nossa comunidade artística não está separada ou acima da lógica colonial.

TU ME CHAMAS E NÃO ME CONHECE

Essa escrita tem muitas lacunas que não cabem aqui, não coube aqui minhas vendas de trufas com nomes de filmes no primeiro ano do curso (e nem como naquela época gostava muito dos filmes franceses), não coube aqui meus três trabalhos - fora a faculdade - no segundo ano, não coube aqui eu comprando meu primeiro computador quase no terceiro ano de graduação. Esse trabalho é uma das versões de muitas escritas, escritas que deixei para trás por considerar magoadas (e eram) e não que essa não seja, mas há também um desejo de comunicação com quem me lerá no futuro, há um desejo de ser compreendida. O Brasil é um país hostil às pessoas negras, hostil às mulheres e nesse momento hostil aos artistas. O nosso país criminaliza a pobreza mas não quem as provoca. O Brasil ama a cultura negra desde que a pessoa negra não esteja presente e se estiver seja para entreter e não para participar da festa. Este trabalho é uma perspectiva negra para leitores brancos, porque imagino que muito pouco do que trago aqui seja uma grande novidade a uma pessoa negra que conseguir acessá-lo. Este trabalho aqui é para meus pares, meus colegas de classe teatral, que atentem para o quanto nós, nós todos, reproduzimos uma lógica antiquada que não serve mais, atentemos para as estatísticas. Todos nós em tudo que fazemos compomos alguma, neg(r)amos outra.

Este trabalho é parte do meu processo de graduação, que é distinto, único, mas que fragmentado é também história de muitas outras, outras que foram e não voltarão como eu voltei. Ele não é o percurso da heroína trágica mas de uma mulher negra, trabalhadora brasileira, que tenta ter uma formação, uma profissão e viver do seu trabalho e que também comete seus erros. Uma mulher que merece viver e amar, como outra qualquer do planeta, como diz a canção de Milton Nascimento.

Essas não são considerações finais, mas de início de conversa, do básico. O que já deveria estar superado, mas não está. Atentem para o trabalho das mulheres negras, percebam as sutilezas excludentes dos lugares embranquecidos, tanto a ofensa e a agressão quanto os elogios em demasia sequestram nossa humanidade. Não somos

todas deusas, divas, rainhas, embora algumas de nós queiram ser e o sejam, respeitem nossa humanidade, valorizem nossa força mas não desconsiderem nossas fraquezas. É preciso nos perceber, nos ouvir, nos conhecer. Para nos conhecer é preciso que estejamos. E o que é preciso para que a gente esteja? O que as pessoas não racializadas precisam conscientizar e abrir mão para que a gente esteja?

Para concluir retorno ao início, sankofa, como ser? Como estar? Como permanecer? Como tornar-se? Quais verbos? Quais ações necessárias? As perguntas estão feitas e que outras venham numa próxima escrita.

Que haja tempo e espaço.

E cor.



ANEXOS

1.

Print do perfil @pretadora, de Giovana Xavier em 30 de setembro de 2019



2. Texto lido na apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso à banca em 6 de dezembro de 2019, enquanto preparava, para na sequência comermos, uma torta de nata e morango

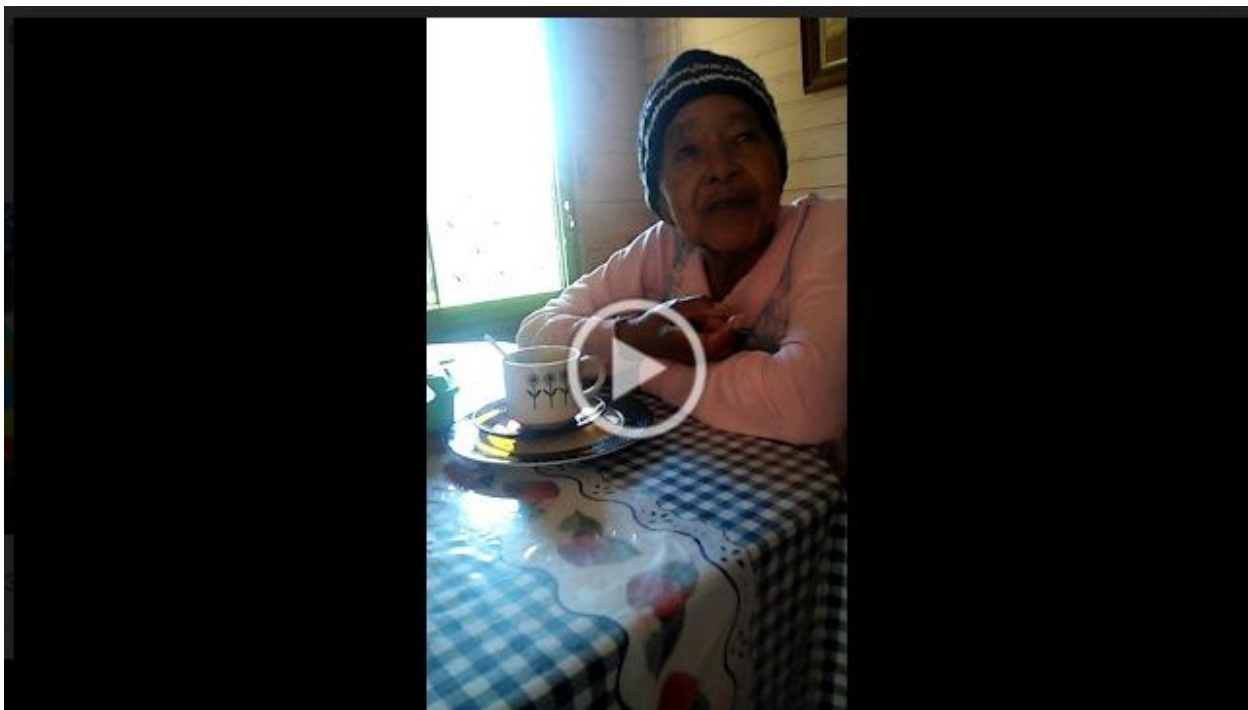
Bom dia,

Este texto estou escrevendo em 14 de novembro de 2019, sentada na minha cama enquanto uma das gatas que vivem conosco, a Mini, se lambe. Discutimos um pouco porque ela quer a porta aberta e eu desejo a porta fechada, essa não é uma referência a Peter Brook embora seja também.

Quando desejo esta porta fechada estou falando de minha casa, pois no quarto ao lado meu companheiro trabalha e é de meu interesse que nossos fazeres coexistam de maneira harmoniosa. Com a porta aberta também sinto entrar no quarto o cheiro do feijão que estou preparando. São 9:15 da manhã, de um dia que começou as seis e meia. Minha mãe está na sala vendo televisão e hoje já passou mal, mas aparentemente agora está melhor. Fiz um chá de Camomila para ela e de erva cidreira para mim e para o Renê. Penso que neste momento da apresentação devo colocar uma chaleira elétrica para funcionar.

Existe um cheiro, um misto de pêssego, laranja, cravo e canela que é um acionador automático de muitas das lembranças que tenho de minha avó, Palmira. Que nasceu num ano, foi registrada alguns depois e nunca soube direito dizer sua idade.

[vídeo da vó]



Eu cresci numa família negra que, por todos os processos racistas que nós sabemos ou deveríamos saber, não se reconhecia e amava em sua negritude. Soma-se a esse processo que eram e são em sua maioria evangélicos e eu não preciso dizer em detalhes (embora sinta de verdade que precisaria) o quanto as igrejas evangélicas no Brasil contribuem para o processo de auto ódio.

Auto-ódio é como chamamos a violência de uma pessoa negra para consigo mesma ou seus pares. Não dizemos que é injúria racial ou racismo pois o racismo em nada beneficiaria o seu agressor e também porque racismo é um **sistema** muito bem estruturado, inclusive recomendo a leitura do livro O QUE É RACISMO ESTRUTURAL? Escrito pelo doutor em filosofia Silvio Almeida, livro integrante da maravilhosa coleção feministas plurais. Continuando, entendemos que quando uma pessoa negra age de modo ofender ou diminuir outra pessoa negra, isso é um reflexo do ódio que ela sente de si mesma, em razão de viver num sistema racista que o tempo todo nos inferioriza, criminaliza, estigmatiza e mata. Mata nossa imaginação, nossos desejos, nossos pais, nossos irmãos e filhos. Mata as nossas possibilidades, encarcera nossas vontades, discrimina nossas crenças e saberes. E aí estamos falando de epistemicídio.

Eu quero dizer com isso que frases como “os negros são os maiores racistas”, “o dia que pararmos de falar de consciência negra e falarmos de consciência humana o racismo desaparece” são grandes bobagens. O racismo é um problema de quem o criou. O racismo é uma problemática branca. Grada Kilomba em 2016 em entrevista à Carta capital perguntada sobre *Como é possível descolonizar nosso pensamento numa sociedade que ainda não nos vê como sujeito? Responde que*” parte do processo de descolonização é se fazer essas questões. É perguntar e às vezes é não ter a resposta, mas fazer novas perguntas. Quando eu trabalho, eu sou a favor de criar novas questões e não necessariamente de encontrar as respostas. Às vezes nós estamos à espera de fazer perguntas muito divinas que ninguém pode responder, fazemos perguntas que são muito absolutas a espera de uma receita, de uma resposta absoluta. E isso é uma contradição do processo. Eu acho que o próprio processo de descolonização é fazer novas questões que nos ajudam a dismantlar o colonialismo. Faz parte desse processo de descolonização aprender a fazer perguntas menores, que fragmentam. Eu acho isso muito importante. A população branca perguntou durante muito tempo se era racista. É de novo uma pergunta muito absoluta que tem uma resposta muito absoluta.”

[vídeo dos 3 minutos finais do Chaves, no episódio “isso merece um prêmio”]

Eu comecei a pensar na importância de também escrever essa apresentação como uma justificativa do porquê o trabalho ser o que é, e não outro. Foram algumas escritas e desistências até aceitar, como lembra o amigo Mesac citando Paul Valéry em suas aulas, que poesia a gente não termina, a gente abandona. E poesia não se explica, poesia é.

Quis e quero que este meu trabalho seja também poesia, que embora fale de algo bastante objetivo, doloroso, que não se perca dele a poesia. Que não se perca a

possibilidade de se perder, permitindo-me mais uma vez a contradição. Maya Angelou tem uma frase que muito me contempla: “Minha missão na vida não é apenas **sobreviver**, mas prosperar, e fazê-lo com alguma paixão, alguma compaixão, um pouco de **humor** e algum estilo.”

Sobre o meu trabalho escrito que os professores já leram e que quem quiser ler poderá acessar na biblioteca do instituto de artes em breve, relembro que na apresentação, que chamo de *alguns verbos* estão suprimidas algumas escritas que aqui gostaria de falar. A bíblia diz que no princípio era o verbo e o verbo se fez carne e o verbo estava com deus e o verbo era deus. Há também uma frase que circula pela internet, paredes e camisetas mundo afora que diz “eu conheci deus e ela é negra”. Um pequeno parênteses nessa informação, há uns 5 anos um rapaz branco, judeu e ateu criou uma arte para camiseta com a frase “ i met god she’s black” e desde então, esse rapaz branco, judeu e ateu fatura alguns muitos dólares com isso. Eu quero com isso que a gente pense um pouco agora sobre capitalismo associado ao racismo, Malcolm X já cantou essa há algumas décadas: não existe capitalismo sem racismo. Enfim, pensemos sobre a tal representação, sobre a tal representatividade, sobre poder pôr em pé suas ideias sem ser taxada de vitimista, separatista, segregacionista, sobre a importância da autodefinição de mulheres negras, porque particularmente eu não sou onisciente, nem onipresente e tampouco onipotente. Eu não sou deus e não quero ser, eu não quero ser a mãezinha também, nem a wikipreta, embora sinta que para me fazer entender muitas terei que ser, inclusive aqui estou aqui lembrando o que Patricia Hill Collins chama de imagens de controle e que mencionei um pouco em meu trabalho. Mas permito-me fechar esse enorme parênteses e voltar ao verbo, aos verbos e falar ainda mais um pouco de poesia, mas também de método de pesquisa em arte e vida. Embora em meu trabalho tenha me preocupado em utilizar majoritariamente referenciais coerentes com o que abordei, ou seja, as intelectuais negras, não nego e nem rejeito os outros e digo esse **outros** com um prazer de quem se coloca no centro (hmm então é assim que vocês se sentem o tempo todo?).

Trago em meu braço esquerdo uma iluminura que me lembra a grandeza do ínfimo e que se eu pudesse estalar os dedos e tornar o mundo outro, seria essa e só essa a minha piração. Uma piração de pequenices, de insetos, de tardes na frente de casa, observando a poética das nuvens. Mas não é, então manaelarei:

No descomeço era o verbo.

Só depois é que veio o delírio do verbo.

*O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.*

*A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele
delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
nascimentos —
O verbo tem que pegar delírio.*

E é imersa na dureza da vida, mas também no delírio do verbo que chegamos nesse ponto.

3. RELATÓRIO DE MONTAGEM DO ESPETÁCULO PERIGOSO

INTRODUÇÃO

O ano de 2019 é icônico na minha trajetória de estudante de teatro na UFRGS porque marca, entre idas e vindas, trocas de curso, desistidas e insistidas, o décimo ano em que circulo por estes prédios como aluna de graduação, antes da licenciatura em teatro (não concluído), depois uma breve passagem pelas Políticas públicas e agora, nos últimos três anos, de direção teatral. Praticamente um terço de minha vida foi passado entre as ruas General Vitorino 255 e a Salgado Filho 340, então, sem dúvida alguma, mais do que uma formação profissional este lugar me compõe em muitas esferas da vida. Permito-me dizer que também este lugar é composto e modificado por mim.

Os trabalhos práticos e teóricos foram um reflexo dessa caminhada, aliás sempre são, mas creio que esta década em particular tem especificidades que merecem um destaque na trajetória do departamento, olhando com a devida atenção às modificações provenientes da mudança do perfil dos estudantes a partir das políticas de ações afirmativas que proporcionaram o acesso à universidade para novas pessoas com inquietações, discursos, narrativas, cores, trajetórias, dores e alegrias outras, que as antes comumente encontradas pelos corredores desta escola de teatro. Sobre isso falarei com maior detalhe no Trabalho de Conclusão, mas penso que se faça

necessário essa introdução, dado que, se teatro é o lugar de onde se vê, esta é a perspectiva do que vejo, de onde vejo. E é com a minha devida bagagem, por vezes pesada demais, outras vezes frágil ou mal elaborada e escapando pelos lados (oh! Que confusão!) que refletirei sobre esta última etapa que é resultado desta longa viagem. É com as mãos e os pés calejados, os olhos marejados e a cabeça confusa (mas erguida) que chegamos nesta estação de paragem para em breve seguir para outros pagos. Há também muitos risos, sorrisos, gargalhadas (e deboche), que fique registrado.

APRESENTAÇÃO

O projeto de estágio que agora chamamos de Espetáculo Perigoso é um alinhamento dos meus desejos aos do colega Fabrício Zavareze (graduando em interpretação teatral) em pôr em cena questões e conflitos que estão presentes em nosso cotidiano e também em nosso imaginário, quando pensamos que somos também responsáveis em criar imagens positivas (mas não só), complexas (e não apenas complexadas) sobre a experiência, não necessariamente escolhida, de ser um corpo dissidente. O nosso corpo é, ainda que parado e em silêncio, um dossiê da história que carregamos. Quais os papéis que são pensados para as nossas fisicalidades negras? Quais encarceramentos reais e simbólicos a que somos submetidas? De quais queremos fugir e quais queremos nos aproximar, reforçar, esgotar a possibilidade?

Inicialmente havia em mim a vontade de trabalhar a partir do texto teatral Namíbia, não!, de Aldri Anunciação, um texto que apresenta um Brasil distópico, mas nem tanto, inclusive cada vez menos, onde os cidadãos de melanina acentuada devem ser levados de volta ao país africano de origem e a partir desse mote se discutem muitas lacunas que estão presentes na nossa formação educacional, sejamos cidadãos de quaisquer etnia, façamos nós qualquer curso. Apesar da lei 10.639, de 2003, que torna obrigatório o ensino das culturas afro brasileira e africanas, na prática não há um empenho institucional efetivo para colocá-la em prática e assim gerar uma outra construção de imaginário, onde a história de África não inicie e se encerre na

escravatura, onde a história do negro brasileiro pode ser reparada e retomada. Há sempre um banzo direcionado ao vento.

Em “Namíbia, não!”, por exemplo, se abordam questões que são assuntos frequentes na comunidade negra mas não tão comuns nos espaços que nos formam, torno a dizer. A dramaturgia neste espetáculo trata sobre colorismo, por exemplo, e, dentro deste espaço seguro, de subjetividades e vivências negras é possível avançar num humor que faça sentido a esta comunidade, abordando questões de difícil discussão em meios embranquecidos, não só pelo habitual epistemicídio mas pelas consequências dele, que é tornar a nossa fala estrangeira. Nossa fala é tida como incompreensível quando na verdade ela é incompreendida, por nos apoiarmos em nossos próprios referenciais.

Então, mesmo entrando em acordo de trabalharmos criando a dramaturgia em sala de ensaio, esse texto teatral ainda segue sendo uma grande referência de uma ficção, uma dramédia que parte de uma perspectiva negra, não nos encerrando na alienação e nem unicamente no sofrimento. De um modo geral os coletivos negros formados no DAD-UFRGS a partir de 2009 trabalham criando novas dramaturgias, não porque não existam autores negros publicados, mas porque a produção escrita raramente é apresentada como possibilidade, salvo raras exceções, como Grace Passô, que é conhecida obviamente pela sua genialidade mas também porque sua trajetória é em companhias formadas majoritariamente por pessoas brancas e deste modo sua produção não é compreendida como arte negra ou teatro negro mas como arte e teatro e assim é possível classificá-la num gênero para além da origem étnica da autora e por isso, entendida como uma produção para todas as pessoas. Digo isso com propriedade pois nesta segunda quinzena de novembro de 2019 conversando com uma colega que, como vários colegas brancos, costuma me pedir consultorias gratuitas “antirracistas” em seus trabalhos, ela me pediu uma sugestão de uma dramaturga, contemporânea brasileira “que Londres precisa conhecer”, e ao ouvir o nome de Grace Passô me respondeu que vários já tinham recomendado, que várias pessoas relatam que ela é fantástica, mas ela nunca havia visto ou lido nada da Grace e que ela

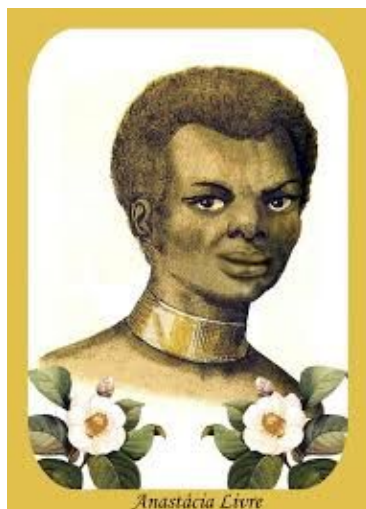
imaginava que - nessas palavras - “deve ser muito sobre alguma coisa que não me permeia”. Creio que já tendo visto o espetáculo Perigoso entenderão porque faço questão de escrever esse fato que, nem de longe é um ato isolado. Tanto quanto relatar nossos procedimentos de criação essa escrita tenta dar conta em parte de questões que não são da cena, mas são do estado das coisas e nos atravessam enquanto artistas.

“Uma mulher negra com uma faca na mão é uma arma. Uma mulher negra com um livro também” Conceição Evaristo

O nosso início de trabalho foi marcado pela revisão dos desejos projetados no ano anterior e o que eles significam passados alguns meses que, não são quaisquer meses, mas os primeiros meses de mandato de um presidente claramente antipovo preto, pobre, LGBTQI+, anti universidade pública, antipreservação da natureza entre tantas depravações sociais, morais e legais. Estar inserida neste tempo-espaco que nunca foi favorável à minorias sociais, dado que a história do Brasil nasce da invasão, do saque, do sequestro, de estupro e de genocídio mas que, para a nossa geração, é o mais assustador cenário possível, pois é um exercício de resistência e de extremo amor-próprio seguir viva num estado que quer, articula e executa a nossa morte real e simbólica. Declaradamente. Apesar disso, no fim de agosto de 2019 seguimos vivas pois assim como MOMBAÇA (2018, p.23) seguimos “EM HOMENAGEM À CONCEIÇÃO EVARISTO, A GENTE COMBINAMOS DE NÃO MORRER. PRECISÁVAMOS TAMBÉM QUE ELES TIVESSEM COMBINADO DE NÃO NOS MATAR.”

Nossos primeiros ensaios partiram do uso de objetos como dispositivos para criação. Cada encontro tinha um nome, um ponto de partida a partir de uma pensadora negra. É uma tentativa de, na arte, como na proposição do artista visual Yhuri Cruz, recriar a imagem de Anastácia sem a máscara de Flandres, de tirar as diversas e constantes máscaras que tentam calar nossas vozes, se não pela violência explícita de

tapar nossas bocas, talvez pela sutileza de tapar seus próprios ouvidos e propagar a idéia equívoca de que tal enunciação nunca fora feita antes e por isso pensamentos e comportamentos não foram alterados. Estamos sempre dizendo uma óbvia novidade. Anastácia Livre, Yhuri Cruz (2019)



Parto da fala da escritora mineira Conceição Evaristo que diz que "uma mulher negra com uma faca na mão é uma arma. Uma mulher negra com um livro também" e assim, com uma porção de objetos - que na mão de uma pessoa negra são armas e podem custar nossa vida, dada a frequência em que a polícia confunde nossos pertences, - convido o meu colega Fabrício a narrar histórias a partir do círculo formado por mim em sua volta enquanto ele se aquece para o trabalho. Parto também da ideia de que o trabalho não inicia no momento da realização das cenas e que não há uma separação entre o aquecer o corpo com o que vem posteriormente, deste modo penso também que o aquecimento deve estar nutrido de tudo que o trabalho almeja ser, do sons que almeja ter, da espacialidade e em condições ideais de trabalho, das luzes, dos tecidos, das texturas, dos cheiros que já são e por isso já estão. Obviamente essa é parte da minha utopia pois não partimos de condição ideal porém a idealizamos. Esta é a minha luta particular num mundo que está em constante destruição de si e de nós

mesmos: idealizar este futuro, assim como um sankofa, olhar para trás para poder seguir em frente, enfrentar, afrontar, criar um futuro. Afrofuturismo.

“Nossos passos vem de longe” Jurema Werneck

Então nos preparamos conjuntamente e enquanto Fabrício se aquece vou dispondo os objetos nas lacunas do espaço que ele ocupa, criando uma área cênica, circular, enquanto escutamos a trilha das cenas que serão ensaiadas ou outros sons que nos ajudem a chegar no estado do trabalho do dia. Assim sendo, enquanto Kendrick Lamar nos diz “be humble”, disponho os objetos um a um, danço com meu colega. Componho com ele este espaço, criamos um segredo, um mistério nosso que só será revelado em meses. Fabrício se apropria do primeiro objeto (uma luva de box vermelha) e enquanto continuo a distribuição (livros, outras luvas, faca, tesoura, laranjas, óculos...) ele permite que a luva o leve até outro estado, distanciado do dia vivido para fora das quatro paredes do estúdio em que trabalhamos. Essa na verdade é uma das falácias deste trabalho, esse deixar do lado de fora que é uma tentativa verdadeira e um erro também verdadeiro o deixar para fora a nossa vida, a nossa vida que do lado de fora das paredes da escola valem menos ainda que dentro, inclusive essa neutralidade e abdicação que se espera é parte da violência que nos silencia e torna este caminho um pouco mais denso, intenso, gravitacional, mas a gente não deita... a gente se levanta. Logo, essa prática tem sido a nossa rotina de trabalho de todos os dias, sempre acrescentando novos elementos na formação desta roda, inclusive elementos textuais para serem descobertos, dissecados, ditos, malditos, rasgados, engolidos. Nesta exploração elegemos algumas histórias, o avô como centro de uma narrativa que conduz a um mistério, um enlaçamento de biografia - que nem era o nosso objetivo inicial - com uma ficção. Na sequência dos dias e meses essa narrativa também será parte importante do processo, mas não estará evidentemente contemplada no produto apresentado.

“Eu me levanto” Maya Angelou

No mês seguinte iniciamos a etapa ancorada no poema still i rise / eu me levanto da escritora Maya Angelou. A partir deste texto e de uma base instrumental de hip-hop propus ao Fabrício que dançasse o poema. Iniciamos este ensaio a partir do chão, trabalhando a intensidade e densidade dos movimentos, percebendo e acentuando a gravidade, realizando a força contrária e todos os ajustes corporais necessários para se pôr de pé, ereto e retornando novamente ao chão, realizando um ciclo assimétrico e contínuo de cair, mas se pôr de pé novamente. Trazendo a circularidade para a verticalidade também. O espiral. O que aspira. Redemoinho. *E como o pó, eu me levanto.*

Seguimos alternando entre os materiais que vão sendo criados, criando um repertório, deixando que um atravesse o outro. Deixamos também repousar, para que fermente. Fermentação natural, outras formas de crescer, de alimentar.

Nesta etapa entre muitas dúvidas e incertezas de como jogar com o ator de modo deixá-lo tranquilo para se explorar mesmo sabendo que está constantemente sendo visto, afinal quando se trabalha com um elenco observa-se a composição e sendo apenas um ator em cena todos os meus sentidos estão apontados para ele, com ele. Todas as linhas são formadas a partir dele, tudo é reta, mesmo na busca da circularidade, porque é sempre entre um ponto (objeto/ponto de vista/espectador) e ele. Compartilho durante a orientação essa e outras inquietações e sou lembrada que o ator em cena nunca está sozinho e trago isso para esse relato e acabo relembro também que já vivi isso antes, embora cada novo processo seja um novo processo não preciso abrir mão de nada que tenha aprendido até aqui, pois todas essas experiências dentro e fora da escola também me formaram e entendo que este sentimento de apreensão e nervosismo tem mais a ver com avaliação que com outra coisa. É mais difícil porque está inserido neste contexto, mas sei que sou apta a tarefa, tive preparo para ela e as dúvidas são partes inerentes. Então respiro, respiro, penso em cada uma das pessoas que estão diretamente ligadas neste processo, penso que em 2019

estamos, apesar de tudo e talvez em consequência de tudo, mais amorosos uns com os outros e que essa autocobrança tão densa é fruto daquela conhecida história que não escolhemos fazer parte, a de que temos que dar o dobro. Retomo então a minha humanidade, me permito sentir tudo o que sinto, inclusive o fracasso momentâneo sabendo a responsabilidade que é, se deixar fraquejar, desistir ou ter dúvidas quando pesa sobre nós tantos estigmas de insucesso, porque esse trabalho é sobre isso também, sobre uma pessoa real refletindo sobre como criar, como pôr em prática essa utopia de uma criação livre e honesta, que fale de uma subjetividade, que não é a representação universal do ser negro, mas UMA possibilidade de ser, UMA possibilidade de ver. UMA, única, singular e complexa. A partir daí tranquilizo novamente porque o pensar o trabalho pode ser leve e como sempre frisa meu colega Fabrício, não é para as pessoas pretas saírem mal da sala de teatro. Nenhuma pessoa, inclusive nós dois. Específico nosso desejo em relação às pessoas pretas sabendo que essa expectativa também poderá ser frustrada. Há um risco que a nossa dramaturgia esbarre numa linha muito tênue entre produzir uma imagem complexa e não heróica deste personagem e de outro lado sugerir que estamos reforçando justamente alguns estereótipos que queremos afastar. É um risco, é perigoso inclusive para nós, mas me sentiria como diretora ainda mais frustrada por levantar um personagem sem complexidade, repleto de um heroísmo e uma resiliência que por fim o desumaniza, cria a exceção, o modelo capitalista.

“A bunda tem sempre razão” Giovana Xavier

Então avançamos, não abandonando totalmente o momento reflexão, mas deixando que não apenas a cabeça, mas que todo corpo de baile-intelecto fale a partir de sua expertise. Logo, pego emprestado o título de um dos textos da Giovana Xavier presente no livro *Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história para deixar que a bunda traga seu enunciado*. Não só a bunda, mas a bunda e o quadril. Não só qualquer bunda e

qualquer quadril, mas a bunda e um quadril de um homem, cisgênero, negro, gay. É evidente que um ator já está predisposto a romper com várias construções culturais, como por exemplo a de que um corpo masculino não rebola, mas é necessário lembrar que pesa ainda sobre o corpo negro, masculino e periférico outros rótulos, a que podemos querer fugir, reforçar ou apenas ter/ser.

O que se espera do corpo negro?

São tantas estatísticas de aniquilamento ao corpo negro. São tantos ajustes. O corpo negro que entra na loja e não é atendido. O corpo negro que entra na loja e é perseguido. A mão negra que não mexe na bolsa dentro da loja com receio de passar a ideia de que está escondendo algo. O corpo negro que corre, porque quer pegar um ônibus. O corpo negro que não pode correr para pegar o ônibus. O corpo negro que se quer na cama, mas não se quer no restaurante, na universidade ou no teatro. O olho negro que vê quando o corpo branco segura a bolsa mais próxima do corpo. O ouvido negro, presente no corpo negro que tem mãos negras que limpam casas brancas e escuta, escuta o que as bocas brancas falam. A bunda negra estigmatizada mas nunca calada. Apontada - quando rebola - como inimiga do saber, embora seja necessário muito conhecimento para fazê-la desenhar formas no tempo e no espaço. E é nessa necessidade de aprender a deixar bunda, quadril, braços, pernas falarem que realizamos um encontro conduzido pela atriz, mestra em artes cênicas, a intelectual negra Manuela Miranda, para aprendermos um pouco da história do passinho e dessa forma dançar, falar, improvisar, batalhar consigo mesmo, superar-se.

Já estávamos a alguns encontros iniciando os aquecimentos com a realização de algumas coreografias improvisadas, tanto para trabalhar o poema como para a criação de um momento de desbunde. De abundante desbunde!

Entendemos, para além do estereótipo de que pessoas negras sabem rebolar que o nosso corpo se movimenta contando uma história e essa história é a do nosso dia-a-dia, rebolar aí tem o sentido de se adaptar, de dar um jeito. O movimento aí é dança mas é também sobrevivência, pois como diz a intelectual negra Angela Davis, quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta

com ela. Aqui cabe uma pequena observação, várias citações que utilizo aqui referem-se nomeadamente a vivência da mulher negra e isso pode causar algum ruído em relação a cena em si, dado que nela temos um homem negro e não é exatamente a mesma vivência, no entanto, como uma das criadoras deste trabalho e com as devidas adaptações necessárias, penso que se fomos educadas para pensar nossa singularidade a partir de um referente ser “neutro” e entendemos que essa neutralidade falaciosa muitas e muitas vezes reflete um corpo branco e masculino, penso que aqui, neste caso, a aproximação é menos violenta. Por outro lado, entre tantas discussões que temos em nosso processo, discussões que nos engrandecem e amparam, porque temos muito ainda a falar, uma delas é que reivindicamos nossa humanidade, nossa singularidade, nossa complexidade. Não estamos querendo falar pelo coletivo, mas entendemos que as nossas complexidades não são exclusivas e conversam sim com a nossa comunidade. Logo, não queremos que a nossa leitura de experiência e transformação cênica encerre qualquer assunto, nada é definitivo e neste sentido utilizamos de recursos que, talvez, inclusive trabalhem contra algumas narrativas que desejamos trazer. Exemplificarei na sequência, mas trago essa conclusão a partir dos ensaios abertos que realizamos com amigos e colaboradores do trabalho. A cena em que Fabrício discursa dançando é introduzida por uma variação da frase “vocês realmente acharam que eu não ia rebolar minha bunda hoje?”, frase que foi dita pela cantora Anitta em um show em 2017. Anitta é uma artista que acumula situações conhecidas como “afro convenientes”, além de ser Brasil afora “a cara do funk” para o mundo que criminaliza a cultura negra para, na sequência, reencapar com uma imagem branca e tornar um produto vendável, naquela velha associação racismo e capitalismo. A cena está naquela corda bamba, não queremos ser mal entendidos (please, don't let me be misunderstood!) mas assumimos um risco. É perigoso. Se o ato performativo é uma possibilidade de se colocar artisticamente em risco e artistas brancos continuamente entendem esse risco como se machucar de algum modo, o nosso risco é falar. O risco está no verbo, está em fazer qualquer coisa. Tudo que uma pessoa negra faz está sujeito a crítica e será criticado, por brancos e também pelos nossos

pares negros. Paulina Chiziane, autora moçambicana diz “sou uma mulher negra, tudo que faço tem que ter erros, se não tiver, arranjam”, a diferença é que nem sempre podemos errar mais que uma vez, o nosso erro torna-se uma mácula coletiva, um erro de classe. As pessoas brancas não são questionadas por outras pessoas brancas, quando uma pessoa branca faz uma merda pública, mas bastou o novo presidente da Fundação Palmares ser anunciado que me perguntaram, “eai?” ao que eu respondo com o último álbum de Gilberto Gil:

Ok

Ok

Ok

Acabei abrindo um grande parênteses mas é importante, porque este trabalho está vivo, a dramaturgia é sobre este tempo, é sobre a nossa subjetividade, é sobre querer ser artista sendo uma trabalhadora comum, morando na periferia, tendo um ônibus-trem que diz a hora de dar tchau (porque uma pessoa adulta quer voltar para sua casa e não ficar e dormir no sofá de um colega no meio da semana). É sobre ser artista tendo a pele marcada, tendo suas capacidades avaliada a partir dessa pele, tendo suas oportunidades limitadas por ela, digo isso porque nesta semana aconteceu uma premiação e uma das ideias para o trabalho é ter uma cena de premiação que já avalio que não dará tempo de incluí-la nesta fase do estágio - e não deu. Enfim, a cantora Ludmilla, que é uma das nossas referências por ser mulher negra, bissexual, periférica, funkeira ganhou um prêmio importante da MTV e entre aplausos e gritos entusiasmados também se ouviam vaias, vaias decorrentes de um episódio envolvendo, vejam só, a supracitada cantora Anitta. Não entrarei nas minúcias do mundo pop e de como ele (e o patriarcado inerente a tudo) cria, rivaliza e aniquila suas divas, mas sim no fato de que nem num momento de extrema importância pessoal uma mulher negra pode falar sem ser interrompida, julgada e subjugada. Seja você quem for, tenha você o dinheiro, o talento, a fama que for, facilmente tiram o seu momento. Ainda sobre premiações, poderia falar das premiações locais, mas me volto ao Oscar de 2017, quando Moonlight é o vencedor e acontece uma grande confusão no momento

do anúncio. E estamos falando do Oscar, que imagino ser a maior premiação do planeta. E sendo justa necessito falar de outra importante referência neste trabalho, Kanye West (e todas suas controvérsias), que em 2009 pega o prêmio da mão da contemplada Taylor Swift.

“Eles precisam saber (...) que a mulher negra tem suas convicções, suas imperfeições como qualquer outra mulher” Mel Duarte

Este trabalho tem um público alvo, ele quer se comunicar com esse público que não é alvo, quer que faça sentido a um grupo específico, esperamos que comunique a todos, mas ele tem um foco, ele se vale de metáforas que talvez sejam incompreensíveis ao público que não tem nossa vivência e corremos também esse risco de termos um trabalho “frágil” no sentido de me permitir não sublinhar ações que são sutilezas, porque me interessa aprofundar nessas pequenezas (pequenas para quem?). Falo aqui especificamente de não explicar textualmente algumas ações. Sinto que quando nosso trabalho é lido como político, estejamos dizendo isso ou não, esperam uma literalidade, uma didática de nossa parte e a minha busca é justamente outra. Fazer é o ato político para nós, pessoas racializadas, pessoas periféricas. E não estou qualificando como uma arte mais arte ou menos arte por ser literal, mas eu quero mergulhar no abstrato. A leitura de raça, gênero e classe sempre vai estar lá. No semestre passado fiz uma mobilidade acadêmica para a Universidade de Évora, em Portugal e numa atividade de Estética Teatral reperformamos o trabalho do artista português José Conduto, ícone dos anos 60-70 na arte contemporânea feita no Alentejo. O trabalho dele era, numa leitura bastante superficial porque não cabe aqui aprofundar, criar triângulos com o corpo e o espaço utilizando um barbante vermelho. Nosso trabalho de pesquisadoras era através da leitura das fotos da performance recriá-las, preenchendo o espaço entre uma imagem e outra supondo o movimento que outrora ele fizera, dado que não haviam registros em vídeo da ação. Enfim, realizei a performance juntamente de outra colega e um dos feedbacks me chamou atenção: um

rapaz nos disse que quando a outra colega, Juliana Fonseca, realizava a ação ele percebia os triângulos, mas que quando eu fazia ele ficava emocionalmente tocado porque via uma guerreira. Esse acontecimento foi bem marcante do que estou tentando argumentar com essa “busca de uma abstração” e também da falsa neutralidade. Independente de estar somente fazendo formas geométricas no espaço, cuidando as tensões corporais para realizar os movimentos com limpeza, tentando informar nada através do rosto, com olhar de “peixe-morto”, aquele rapaz viu “a guerreira”. Era uma mulher negra, latina, num cubo branco europeu: uma guerreira. Retomo que o nosso grande risco performativo está em fazer, simplesmente ser, estar, fazer.

“Nós sempre fomos os melhores atores do mundo... Acho que nós somos muito mais espertas do que eles porque nós sabemos que temos que jogar o jogo. Nós sempre tivemos que viver duas vidas – uma para eles e uma para nós mesmas”

Ella Surrey

Na última quinzena de outubro definimos a coluna vertebral da dramaturgia e desde então temos ensaiado todo o espetáculo. Ainda na primeira quinzena Fabrício chegou com uma sugestão de alteração da primeira cena e internamente eu tive bastante resistência em mudar, mas falei que testaríamos a possibilidade, que não é NADA simples pois inclui a participação de mais dois atores e se tivermos dois atores na cena em questão - que é a primeira - conseqüentemente as outras cenas serão alteradas por essas presenças. Em muitos momentos as sugestões do meu colega me tiram o chão, mas não gosto de dizer não antes de entender na cena as possibilidades que ele me apresenta, até porque a nossa imaginação é limitada por nós mesmos, então suspirei e fizemos contato com dois colegas, o Julio Estevan e o Henrique Strieder, que farão o que estamos chamando de “os homens-grindr”. Grindr é um aplicativo gay que auxilia a promover encontros. Sabendo que estes aplicativos

funcionam como cardápios humanos e que nos colocamos enquanto imagem (e narrativa) a disposição da avaliação do outro a partir disso, nos questionamos o que um corpo marginalizado, vulnerabilizado e fetichizado faz neste contexto? O que procura e o que encontra? Quais são os corpos desejados? O que se deseja de cada corpo? Nesse sentido a ideia é criarmos esse jogo de perseguição, desejo e repulsa com os meninos. Já existe o desenho da cena, mas não desejo que eles só realizem o que imaginamos, mas que criem minimamente conosco. Digo minimamente dado o tempo restante para apresentarmos o trabalho ao público. Escrevo isso em 03.11, faltando vinte cinco dias para estreia, com um pouco de nervosismo com a demanda que temos pela frente, mas consciente de que iremos até onde pudermos ir. Também estou apreensiva com a indumentária pensada para os homens-grindr, já conversei com a Mari Falcão, que é quem nos ajuda com figurinos e acessórios. No último ensaio que tivemos a presença da orientadora do Fabrício, a professora Ciça Reckiegel, que comentou sobre minha calma e paciência. Na verdade entendo o tamanho da tarefa que temos, não torno ela menor e nem maior do que é, o exercício a realizar me apavora, às vezes fico sem ar, mas da minha saúde só eu posso dar conta e então tem dias que não me aguento e um dispositivo aleatório, como calçar um calçado e uma mínima dificuldade na execução dessa tarefa cotidiana me despertam um choro torrencial. Volto a essa escrita hoje, em sete de novembro de 2019, três semanas para estreia do espetáculo sabendo que já temos um espetáculo, mas precisamos muito ensaiar com todos elementos. Há dois dias tivemos a presença do Kevin Brezolin que está desenhando a iluminação do espetáculo. Tivemos um momento agradável de fruição e companheirismo. Trabalhei com o Kevin no estágio de direção dele (William Despedaçado), fazendo assistência e desde lá trago a questão que ainda não me sinto tecnicamente respondida: o que faz a assistência de direção em teatro? Uma das muitas perguntas que não tenho resposta mas que penso ser importante me refazer nesse momento de conclusão de curso, como estudante de direção. Pensando na minha própria atuação na assistência com o Kevin e também com o Bruno Fernandes (T.E.C.O), o que fiz foi segurar a mão e ser uma escuta generosa, dizer palavras de

entusiasmo para eles e para o elenco e trazer uma frutinha no dia da estreia - essa, portanto é a minha definição de assistência de direção.

Neste processo temos segurado nossas próprias mãos e, apesar de ser um processo de muito respeito, cumplicidade e carinho entre nós, há momentos que só respirando fundo conseguimos continuar. Eventualmente a gente também ouve, mas não se escuta. Neste momento, nesta semana, estou num grande suspiro. Na terça (05.11) minha mãe pôs uma botinha de gesso porque está com um pé quebrado e ficará um mês impossibilitada de pôr o pé no chão e para quase tudo depende de alguém e esse alguém sou - nesse mês (agora 3 semanas) que antecedem esse estágio, a entrega deste relatório, do TCC e a própria banca - eu. Tem uma frase que Fabrício e eu repetimos, entre risos, pois temos uma rotina de trabalho que inclui iniciarmos o ensaio contando como a gente está, de verdade, para além do “tudo bem”. Não partimos, como já disse, do “deixar o mundo lá fora”, mas tentamos conscientizar nossas feridas para que elas nos impulsionem ao trabalho, mas não nos definam (permitam que eu fale, não as minhas cicatrizes). Após narrarmos as desventuras da classe trabalhadora finalizamos dizendo que “tudo na vida do pobre é sofrimento”, falamos entre risos porque a necropolítica é tanta que apesar de tudo temos que continuar, apesar dele ter tido só nesse ano dengue, pneumonia e na quarta-feira, um dia depois do gesso de minha mãe - há 22 dias da estreia - quebrado um dedo da mão e estar de tipóia pelas próximas 4 ou 5 semanas, apesar disso temos que continuar. Continuamos. Eu me levanto, eu me levanto, eu me levanto.

Na angústia e incerteza oriundas da pesquisa dos elementos cenográficos que idealizamos para nosso espetáculo e seus devidos custos, seu futuro armazenamento e transporte, tudo que de fato implica realizar um espetáculo que não seja só ator, uma cadeira e um cubo. O que não quer dizer que no final das contas não vá ser isso mesmo... Mas o exercício de pensamento, de poder imaginar mais que isso, mais que o básico já me foi válido. Acrílico é tão caro por quê?

Perigoso é ambientado numa espécie de capela ecumênica, porém no contexto brasileiro “ecumênico” e “laico” são utopias, então lá, no fundo do palco, está uma cruz,

uma materialização da culpa que se deseja impor. Também teríamos um púlpito ou um genuflexório, mas não encontrando móveis dentro da estética que estamos trabalhando que fossem viáveis e pensando que, até então desenhamos as cenas sem tê-los, muito provavelmente para essa temporada não os teremos (juntamente com a cena da premiação cujo púlpito também será utilizado). Escrevo isso tendo plena noção que são essas exatas três apresentações que importam na minha avaliação enquanto estudante de direção teatral. Gostaria de fazer mais um apontamento caso esse fato tenha soado como justificativa (no sentido ruim), porque na verdade apenas quero falar de como lidamos dos percalços de nosso caminho e de como nos adaptamos a ele.

No ensaio no dia seguinte ao Fabrício quebrar o dedo da mão, não podendo exigir um esforço físico e com a minha calma fingida elogiada pela Ciça, nos dedicamos a ir atrás de algumas indumentárias e figurinos que ainda faltam. De um modo geral nossas colaboradoras (de vídeo e figurino) nos deixaram um pouco no vácuo e é completamente compreensível que priorizem seus trabalhos onde serão dignamente pagas, logo, sem tempo para chorar, supostamente. Partimos para um plano B e fomos até o camelódromo a procura de um figurino mais próximo do que imaginávamos criar. Antes de ir até lá, enquanto batemos o martelo sobre qual arte usar para divulgação do espetáculo e iniciar a divulgação, abro meu coração e desabafo sobre meu cansaço. Primeiro choro torrencial do dia, de um mês chuvoso, porque só meus dois olhos não dão conta da água toda que tem que cair. Como me apavora essa questão, retomando um pouco sobre as nossas dificuldades todas (isso que não relatei nossas questões de transporte público, porque se a universidade é “de graça”, o ônibus ainda não é). Queremos que o espetáculo seja justo conosco e abordar a nossa perspectiva, mas não idealizo a “pobreza” como estética, afinal como dizia o carnavalesco Joãozinho Trinta, povo gosta de luxo, quem gosta de miséria é intelectual. E neste caso aqui evocando um intelectual outro, diferente das intelectuais que cito em meu trabalho de conclusão de curso, que, de um modo geral, estão justamente produzindo conhecimento que atue em nosso favor, contra essas mazelas que nos precarizam. As intelectuais negras do presente-futuro querem luxo sim! Eu quero. Não fazemos voto de

pobreza nem uma ode a ela, fazemos arte apesar dela. Fazemos o que fazemos, mesmo com ela. Digo isso também já pensando nos figurinos e no que é uma roupa e indumentária “de luxo” para a nossa estética, para esse universo (que falarei mais adiante) que ambientamos nosso espetáculo. É o nosso luxo.

Não querendo confundir relatório e TCC, mas reconhecendo que os dois são possibilidades de uma mesma raiz, penso sobre como essa fala de intelectual e luxo é tão reveladora de como quando não somos nós mesmas que falamos, em nosso próprio nome, vivemos irrefletidas. Na frase do Joãozinho eu reivindico ser tudo, querer tudo. Sou povo, sou intelectual, quero luxos. Das choças dessa história escandalosa eu me levanto!, como Angelou. É bem evidente de qual intelectual ele está falando. Ou não?

Voltando ao figurino, passamos por duas trocas, ou seja, três momentos. Não é tão explicitamente do lixo ao luxo, mas o homem comum (como se vê no presente), a mutação para o perigoso (como é lido numa sociedade racista) e o altivo (sua projeção futura). Queremos contar nossa história a partir desse elemento também, a linha do tempo e a linha dramática estão explicitadas no figurino, embora os acontecimentos em si estejam muitas vezes deslocados, como nós mesmos.

UMA SEMANA PARA ESTREIA

Estamos na verdade a quatro dias da estreia. É 24 de novembro, domingo e na quinta apresentamos ao público o resultado dos meses de nosso trabalho.

Aqui elaboro uma atualização da escrita feita anteriormente e inicio uma fala mais pontual sobre os elementos da cena e sua dramaturgia. Na segunda-feira 18 de novembro, faltando dez dias para a estreia, o colega Henrique Strieder que faria um dos “homens grindr” avisa que, infelizmente não poderá fazer o espetáculo conosco. Entendo, pois só me basta entender, e começo um processo de adaptação da cena só com o Fabrício, dado que o Júlio (o outro homem-grindr) não estava naquele ensaio. E

sendo bem franca, até então cada um dos meninos só tinham assistido um ensaio que sequer tinha sido o mesmo.

O fato de Fabrício estar com tala no braço direito realmente, digo, metaforicamente, “me quebra as pernas” afinal a contrarregragem fica meio atrapalhada. Enquanto eu estou paralisada tentando pensar no que fazer, ele segue a sugestão do Henrique Strieder de chamar o Thainan Rocha. Henrique não podendo realizar o trabalho já tinha se antecipado em falar com alguém que pudesse substituí-lo, o que foi muito gentil e responsável da parte dele, porém, insisto, a 10 dias da estreia a minha vontade era francamente só cortar ou recriar a cena, a interação e adaptar as contrarregragens porque isso já estava me deixando ansiosa e com pouca paciência, fora um tanto de sobrecarga que é a tarefa de produção, de estar atenta a todas as necessidades para cada encontro e ir atrás do material e fabrico da cruz, que ainda estava pendente.

Já tinha feito o desenho da cena há uma mês, mas ainda não tinha providenciado todas as indumentárias. Não só pela dificuldade de realizar e transportar, mas pela grande preocupação do armazenamento no DAD de elementos mais delicados. No entanto, com a proximidade da apresentação e sabendo que não haveria mais apresentações de estágio na Alziro antes da nossa, levei os nossos objetos para um canto da sala onde finalmente conseguimos ensaiar e iremos apresentar. Precisávamos também testar o elemento que usamos no chão, que era uma material estranho (um “tecido” corta-luz) e como o molhamos não sabíamos quais novas limitações e desafios ele nos apresentaria. O bom (que na verdade é o mínimo) de o testarmos foi perceber que ele suja muito rápido, então é preciso um extremo cuidado com a limpeza da sala e dos calçados antes de começarmos, ou seja, incluir um “mop” na lista de necessidades do dia. Guillermo Gomez-Peña durante o workshop realizado em 2013 nos disse que “o performer é o especialista em coisas raras” e a tarefa da produção, muitas vezes mais que a direção, tem sido extremamente performática nesse sentido. Nas correrias de realizarmos o trabalho conheci profissionais que são cenógrafos do carnaval de São Leopoldo, além de imigrantes que estão tentando a vida

em Porto Alegre e todos eles, público em potencial. Descobri que o “parafuso” que segura a cruz na parede se chama escápula e que a parte do pedestal que segura o microfone é o cachimbo.

Enfim, um dia passa e tudo pode mudar. Na manhã do dia 25 acordo e vejo que a mensagem mais recente do meu telefone é do Fabrício. Uma mensagem desejando calma e motivação, a clássica “vai dar tudo certo”. Eu acho bonito e incomum da parte dele uma mensagem assim, mas penso: é semana de estréia, todos nós estamos cremosos e amanteigados, não é mesmo?

Ledo engano!

Eu adotei uma prática que tento religiosamente manter que é, não responder mensagens de trabalho fora do horário comercial e domingo eu realmente tento não olhar o telefone, principalmente a noite. A mensagem do Fabrício não era a única que tinha recebido, havia uma mensagem do Julio Esteban também, dizendo que (rufem os tambores) havia deslocado a patela e estava de muletas por pelo menos 7 dias. Já comentei com meu orientador (e quem convive comigo sabe) que sofro terrivelmente com a “síndrome de protagonista”, mas nesse dia eu tive que dar um tempo e pensar, pensar, pensar sobre o que não era “sobre mim” mas sobre o trabalho e sobre não deixar nem que os algoritmos, a física quântica ou alguma dose de esquizofrenia me fizessem crer que aquilo é ou era algum sinal. Mergulhei no pragmatismo e respirei, engoli o choro (e naquela altura o riso por bater todos os records da lei de Murphy) e mandei uma mensagem positiva para o grupo de whats de todos diretamente envolvidos no trabalho e me pus a pensar no desenho da cena, no rompimento da simetria que queríamos trazer, do platô que já havia sido bem definido no ensaio de sábado entre os meninos (Julio e Thainan), no jogo de perversão/perseguição/tortura na cena do batismo.

Hoje é dia 26 e sinto que entre ontem e hoje um universo de possibilidades se abriu, testamos os equipamentos que tínhamos que testar, ensaiamos com o Esly Ramão, que pegou rapidamente as nuances da trilha, mesmo nas palavras dele tendo operado apenas uma vez antes dessa e num espetáculo que tinha apenas uma

intervenção sonora. “Mas é assim que a gente aprende, Esly, tendo oportunidade e fazendo”.

Adaptamos as contrarregragens agora só com o Thainan e ficamos satisfeitos com o desenho da cena, mas agora precisamos azeitá-la. Também é necessário ver com Kevin o que altera no desenho de luz com essas alterações e é isso que farei em algumas horas, mas antes disso sei que meu relatório está extenso e que falta falar de muitos elementos de cena, de como surgiram e o porquê, então vamos mudar um pouco de ares.

O ÁLBUM

No projeto de estágio falava um pouco dos artistas que, na última década, haviam revolucionado a indústria fonográfica não só pelo som, mas pela imagem, pelo produto “pop” que era entregue em todas as mídias. Falava especificamente das artistas negras e negros, LGBTQI+, artistas que trouxeram identificação, representatividade e assim, auxiliaram muitas de nós em nosso processo de amor-próprio e empoderamento. Dia desses ouvindo uma fala do escritor José Falero sobre o seu livro Vila Sapo, algo me tocou profundamente que é o seguinte: as pessoas brancas e/ou classe média relataram que ficaram “atormentadas” com alguns contos enquanto pessoas pretas e/ou periféricas se identificavam e até riam das tragédias do cotidiano porque se reconheciam. Com isso quero dizer que nós que não estamos representados vivemos, vivemos dores e alegrias, sim, estou na obriedade de novo e ver artistas celebrando uma vida que, de certo modo, se assemelha a nossa é muito importante. É o clássico “então é isso que pessoas brancas (cis, hetera, classe média, blábláblá) vivem o tempo todo?”. Eu admiro esses artistas, eu me inspiro nesses artistas, eu sou uma dessas artistas!

Sim, sabemos que não é tudo preto no branco, mas no espetáculo brincamos um pouco com isso, com essa ideia de álbum visual que tem um fio condutor mas que ele não tem uma lógica dramaturgica aristotélica. Há alguns anos a professora Irene Britzke

na Escola de Espectadores de Porto Alegre nos disse que víamos os espetáculos com a bagagem que temos, não adiantava chegar com uma “pochete” intelectual. No espetáculo Perigoso reivindico a pochete, a pochete dos jovens que participam de diversas manifestações culturais outras e não se vem no teatro, a pochete da classe trabalhadora que após 8, 10, 12 horas de trabalho ainda tem toda a SUA vida a organizar. Venham, tragam as suas pochetes (são só 47 minutos)! É bem possível que a galera das grandes bagagens também se sinta cansada mais rápido, porque são outros universos e tudo bem. O nosso sonho de princesa é comunicar a todas e todos e por isso também trazemos uma referência a Exu.

Ainda nos primeiros dias de ensaio trouxe a proposta a o Fabrício de pensarmos o espetáculo a partir da ideia de um álbum visual. Pensaríamos desde a capa do álbum, até o encarte, a intro, as faixas e o show. Num dos ensaios, após termos criado alguns esboços de cena, pedi para o Fabrício que trouxesse no dia seguinte as faixas deste álbum definidas e foram elas:

1. Desisto
2. Perigoso
3. Iguatemi
4. Gay culture
5. Não dou biscoito
6. Não vou deitar
7. Ordem e progresso
8. Já sofri pra caralho
9. Deixa o coração bater
10. Deu vontade de viver
11. O último baile
12. Redenção
13. 433

Algumas das cenas já estavam desenhadas antes da lista outras foram em razão da “trilha” do álbum desse artista ficcional que criamos. Em dado momento das nossas conversas antes do ensaio surgiu o assunto religião. Compartilhamos os dois de uma infância e adolescência passadas nas igrejas católica e evangélica. Falávamos das questões políticas que vivemos e da tortura que é, para uma criança, ser obrigada a ir a igreja quando não quer. Criança ou adulto, na verdade. Que tortura que é para um ser sem religião ou de outra fé ter uma crença imposta. E foi a partir da ideia de um “deus onisciente” que vê tudo e permite que tudo aconteça mesmo sendo “onipotente” e podendo intervir, que criamos a ideia da capela. Sob os olhos dele. Deus, neste caso representa o poder institucional. Pensando já na capela alguns adereços que estavam perdidos foram mais endereçados e algumas referências mais evidenciadas. A ideia da capela e a cruz quase que 100% do tempo ostentada no espetáculo é uma das formas de falar (sem falar) do perigo iminente da ascensão das igrejas evangélicas na política brasileira, algo que já está acontecendo. Sinto este fato como um dos mais perigosos a que temos todas e todos que atentar e lidar, porque a articulação é desconhecida para a maioria das pessoas com quem convivo. A cena em que ouvimos Young, Gifted and Black de Nina Simone e que Fabrício convoca a todos a se abraçarem foi pensada dentro da lógica da homilética, para que as pessoas de fato se desarmassem e abrissem seus corações para algo real e palpável, que é a presença da outra pessoa na sua frente. Ao mesmo tempo que queremos efetiva e afetivamente esse encontro, essa amizade (como diz Brecht no poema “aos que virão depois de nós”) é neste momento que somos roubados, todos, de nossa razão. A homilética é o contrário do que se almeja no distanciamento Brechtiano, embora tenhamos quebrado a quarta parede.

Abaixo contracapa e capa do álbum “Ladrão” de Djonga, cuja faixa nº1, hat trick, é usada na cena em que Fabrício troca de roupa e vai para a coletiva de imprensa branca



A seguir, a capa do álbum ésu, de Baco Exu do Blues



Há menção a uma faixa do Bluesman, outro álbum do Baco, na cena da tortura/batismo. E o clássico, agora fazendo realmente jus a palavra, álbum dos Racionais, de 1997, Sobrevivendo ao inferno, que narra em episódios o ódio e a tristeza gerados pela miséria a que nós, pessoas pretas e pobres somos submetidas. Na cena do culto, do abraço, evocamos aos 'primos pretos', sobreviventes.



E Kendrick Lamar, em DAMN



Além de Emicida em Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa



E Beyoncé, em qualquer coisa que ela faça





Nestes casos são algumas referências visuais ou sonoras bem pontuais, são sobre seu uso em cena, mas certamente que elas perpassam o trabalho de muitas outras maneiras, desde participarem do condicionamento para o ensaio a retomar lembranças remotas, de momentos íntimos, de dores íntimas, de traduzir em palavras, ruídos, gemidos e vômitos um sentimento que, embora tantas vezes secreto é também coletivo. O trabalho não se pretende uma epopeia do Rap e do Hip-Hop, mas estas manifestações artísticas e culturais estão intrinsecamente ligadas ao trabalho que realizamos.

“Apresento meu amigo. Da onde que ele veio? De lá da minha quebrada. O que que ele merece? Pagar pela mancada” Thaíde e DJ Hum

Nossa estreia internacional, mundial,nacional, local e acadêmica aconteceu na quinta-feira 28 de novembro de 2019 às 20h07 com casa cheia. Nós não temos um processo ritualístico antes de abrir a porta, atendendo o pedido do Fabris de, no dia da estreia não pedir para ele descobrir personagem ou “o animal” que eu nunca pedi

antes, então faço o de sempre, coloco som alto com gente preta cantando. Ponho para tocar Velocidade da Luz, música do Revelação que num dos primeiros ensaios foi mencionada numa das muitas histórias que não estão em cena. Cantamos, conferimos nossos objetos e estamos tranquilos, nossos orienta-mores estão conosco verdadeiramente segurando nossas mãos, pegando junto, seja perguntando se a gente se alimentou ou correndo para trazer um café, limpar um chão molhado, dar mais uma dica ou as vezes, perceptivelmente, não falando nada que naquele momento possa nos abalar (um pouquinho que seja), e isso é TÃO IMPORTANTE!

No primeiro dia tudo ocorre conforme o esperado exceto a jaqueta que é vestida ao contrário mas Fabrício é dono da cena e eu não posso estar mais feliz e atenta, seguindo a orientação do Henrique Saidel, de estar presente nesse momento, de produzir memória, porque isso não aconteceria de novo e, por sorte, estive bem calma e consegui ver, me divertir, me emocionar e sentir orgulho do trabalho que construímos em três meses de trabalho, trabalhando três horas, 3 vezes por semana. Na numerologia 9 é o número representante da realização total do ser humano, abrangendo todas as suas aspirações e atendendo todos os seus desejos. Ele corresponde ao final da estrada, tornando-se o guardião que entrega à humanidade o mundo espiritual.

Durante o processo Fabrício esteve estudando sobre física quântica então de certo modo esse conhecimento que ele trazia me fez entender mais ainda a importância de pensar/falar/pôr no mundo aquilo que a gente quer, obviedades também importante de lembrar e assim, com o sentimento de felicidade do primeiro dia, no segundo mais uma vez tivemos sala lotada no segundo dia, que foi um segundo dia tradicional, com mais problemas técnicos que o primeiro e com o Fabris passando mal em meio a apresentação. Foi algo de segundo e creio que imperceptível ao público, mas eu acostumada a saber os momentos de “roteiro free style” sabia que aquele não era um momento que ele costumava utilizar deste nosso recurso, até porque a luz estava bem marcada e ele estava super atento em manter suas marcas. A cena em da entrevista em cada dia aconteceu de uma maneira, o que me deixa muito feliz. No primeiro dia

tivemos uma mulher negra, Luany, fazendo a cena, já nos segundo e terceiro dia, Douglas e Thiago, dois rapazes brancos que ocuparam com tranquilidade o lugar de jornalista, sendo que no segundo dia o rapaz além manter-se no palco improvisou outra pergunta. O texto dito está descrito no roteiro que está em anexo. No sábado e último dia estávamos todos preocupados com o mal estar do Fabrício no dia anterior, afinal temos um histórico de acidentados (não no processo em si, mas na nossa, na minha, kinesfera afetiva), mas tudo ocorreu bem exceto a fumaça que achei muito espessa e no meio do espetáculo tem uma marca em que o Thainan ainda religa a máquina por alguns instantes e eu fiquei da cabine fazendo mil sinais para uma pessoa que:

Estava no palco

Com as preocupações do palco

De máscara

E envolta em fumaça

Encerramos o espetáculo em um terceiro dia de casa cheia, com amigos, familiares e muitos professores em razão da homenagem ao iluminador Acosta, o que nos fez nos sentir honrados, privilegiados e ao mesmo tempo levemente mais tensos, mas a sessão aconteceu sem grandes problemas técnicos e pelos retornos imediatos tivemos uma boa sessão, de um trabalho que almeja seguir, nos ensinando variadas maneiras de fazer arte, ser artista e viver disso.

FICHA TÉCNICA

Espetáculo Perigoso

Dramaturgia Fabricio Zavareze e Silvana Rodrigues

Atuação Fabricio Zavareze

Orientação de atuação: Ciça Reckziegel

Direção Silvana Rodrigues

Orientação de direção Henrique Saidel

Contrarregragens Thainan Rocha

Trilha: Silvana Rodrigues

Operação de som Esly Ramão

Criação e operação de Luz Kevin Brezolin

Figurino Fabrício Zavareze

Produção: Sirvana

Arte Gráfica: Gabriela João

Foto/Filmagem: Giuliano Lucas

REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. A mulher negra e o sexo frágil. **GELEDÉS - Instituto Mulher Negra**. 2013. Disponível em <https://www.geledes.org.br/mulher-negra-e-o-sexo-fragil-por-jarid-arraes/>. Acesso em 18 de nov. 2019.

BORGES, Pedro. Epistemicídio, a morte começa antes do tiro. **Alma Preta**. Disponível em: <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/epistemicidio-a-morte-comeca-antes-do-tiro>. Acesso em 17 nov. 2019.

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. **A construção do outro como não - ser como fundamento do ser**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

CARNEIRO, F. Nossos passos vêm de longe. *In*: WERNECK, J.; MENDONÇA, M.; WHITE, C. **O livro da saúde das mulheres negras**. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000. p. 22-41.

DORF, Mônica. **Elza Soares: my name is now**. 2010. Disponível em: <http://monadorf.ig.com.br/2010/12/16/elza-soares-my-name-is-now/>. Acesso em 20 de nov. 2019

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Educação: raça e gênero: relações imersas na alteridade**. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, p. 67-82, 1996.

HILL, Patricia. **Patricia Hill Collins explica Pensamento Feminista Negro**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XVdbyhuAJEs>. Acesso em 14 de nov. 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação - episódios de racismo cotidiano**. 1ªed. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

LIMA, Diane. Diálogos Ausentes e a Curadoria como Ferramenta de Invisibilização das Práticas Artísticas Contemporâneas Afro-Brasileiras. **Itau Cultural**. 2016. Disponível:http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2017/01/di%C3%A1logosausentes_dianelima-rev_02.pdf. Acesso em 28 de set. 2019

LORDE, Audre. A Transformação do silêncio em linguagem e ação.

GELEDÉS - Instituto Mulher Negra. Disponível

em:<https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/>.

Acesso em 29 set. 2019.

MARCONDES, Mariana Mazzini *et al.* (org.). **Dossiê Mulheres Negras, retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília, Ipea, 2013. Disponível em:<https://www.mdh.gov.br/biblioteca/igualdade-racial/dossie-mulheres-negras-retrato-das-condicoes-de-vida-das-mulheres-negras-no-brasil>. Acesso em 25 de setembro. 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NEGRI, Rafaela Venturella De. Os 10 anos do programa que mudou a cara da universidade brasileira. **Humanista, Jornalismo e Direitos Humanos**. 2018. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2018/10/20/10-anos-cotas-universidade/>. Acesso em 10 de nov. 2019.

PEREIRA, Bergman Paula. **De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós- abolição**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308183602_ARQUIVO_ArtigoANP UH-Bergman.pdf. Acesso em 25 de set. 2019.

REMÉDIOS, José Maria. Paulina Chiziane: “Não volto a escrever. Basta!”, “Patrimônio Cultural”, **GELEDÉS - Instituto da Mulher negra**, 11/07/2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/paulina-chiziane-nao-volto-escrever-basta/>. Acesso em 18 de nov. 2019

RODRIGUES, Silvana. Negrinha. In OLIVEIRA, Karine (Org.). **Raízes - Resistência histórica**. Antologia poética. Belo Horizonte: Ed. Venas Abiertas, 2018. p 148.

SANTOS, Milton. O intelectual e a universidade estagnada. **Revista Adusp**, n. 11, p. 16-20, out. 1997. Disponível em: . Acesso em: 20 nov. 2019.

SOBRAL, Cristiane. **Afropress**. Entrevista. Disponível em: <http://www.afropress.com/post.asp?id=14519>. Acesso em 25 de set. 2006.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos**. Brasília: Athalaia, 2010.

SOUZA, Jessé. **A Elite do Atraso: Da Escravidão à Lava Jato**, São Paulo: Editora Leya, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro - As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TOLEDO, Daniel. 30 anos de arte pela igualdade. **O Tempo**. 2010. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/pampulha/30-anos-de-arte-pela-igualdade-1.380976> Acesso em 25 set. 2019.

XAVIER, Giovana. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história.** Rio de Janeiro: Malê, 2019.